

FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

REVISTA UNIFOR



UNIFOR
Ensino e Aprendizagem

EDIÇÃO 05
JULHO 2019
WWW.UNIFOR.BR



ANTES RESTRITA ÀS ARTES
E CULTURA, A CURADORIA
AMPLIA E FORTALECE SUA
PRESENÇA EM TODAS AS
ÁREAS DO CONHECIMENTO

VOCÊ PODE SER UM **CURADOR** NA SUA ÁREA

FORMAÇÃO PROFISSIONAL
A BUSCA CONTÍNUA DO
CONHECIMENTO MÚLTIPLO

MULHERES CIENTISTAS
ELAS CONQUISTAM ESPAÇO NO CAMPO
DA PESQUISA CIENTÍFICA

EMPREENDEDORISMO JURÍDICO
NOVAS TECNOLOGIAS ABREM NOVOS
NICHOS DE MERCADO

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA ENTRE AS MELHORES DA AMÉRICA LATINA!

A única universidade do Norte e Nordeste do Brasil e a oitava no País a figurar no ranking **Times Higher Education (THE)**, entre as instituições particulares



O que é o Times Higher Education?

Conhecido como THE, atua desde 2004 e hoje é o mais importante indicador de qualidade acadêmica por evidenciar a performance de universidades, com base em dados confiáveis. A análise inclui mais de 1250 instituições em 86 países (no caso da edição de 2019).



Por que entramos no Ranking:

Qualidade de ensino

Cursos reconhecidos pelo MEC com conceito máximo, além de salas de aulas e laboratórios com espaços inovadores

Pesquisa e citações pelo mundo

Publicações e projetos científicos com repercussão dentro e fora do País

Projetos de extensão com impacto social

Mais de 1 milhão de pessoas são beneficiadas com inúmeros projetos sociais na área jurídica, da comunicação e gestão, da saúde, da tecnologia, da cultura e da arte

Internacionalização

Atrai alunos e pesquisadores de todo o mundo, além de possibilidade de intercâmbio em mais de 160 instituições parceiras

Influência no mercado e na indústria

A preferida das empresas na hora de contratar



uniforoficial



uniforcomunica | www.unifor.br

TEMPO DE REALIZAÇÃO

Mais um sonho conquistado para aqueles que agora celebram o importante passo da formação profissional. Há 46 anos a Unifor se orgulha em oferecer ensino de excelência aliado ao compromisso com o desenvolvimento socioambiental, científico e cultural, que reflete na construção ética e humana de seus estudantes.

Nesta edição da Revista Unifor apresentamos uma matéria especial sobre formação contínua, uma tendência que, cada vez mais, afirma sua necessidade diante de um mundo em constante transformação, uma vez que o processo de aprendizagem deve ser perene no aperfeiçoamento de habilidades e competências profissionais do século XXI.

A arte também tem destaque nas páginas da nossa Revista! A curadora da exposição “Arte Moderna na Coleção da Fundação Edson Queiroz”, Regina Teixeira de Barros, destaca a importância da curadoria para o campo das artes, demonstrando o sensível papel do curador ao destacar a riqueza de uma mostra. Com isso, convido todos a visitarem nossas exposições que estão em cartaz no Espaço Cultural Unifor de forma gratuita.

Por fim, que possamos celebrar mais tempos de realizações! A Unifor está sempre aberta aos sonhos e ideais. **U**

FÁTIMA VERAS
Reitora



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

Presidente Lenise Queiroz Rocha

Vice-Presidente Manoela Queiroz Bacelar

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Chanceler Edson Queiroz Neto

Reitora Fátima Veras

Vice-Reitor de Ensino

de Graduação Henrique Sá

Vice-Reitora de Pós-Graduação Lília Sales

Vice-Reitor de Extensão Randal Pompeu

Vice-Reitor de Administração José Maria Gondim

Diretora de Comunicação e Marketing Ana Quezado

Diretor de Pesquisa, Desenvolvimento

e Inovação João José Vasco Peixoto Furtado

Diretor de Planejamento

Marcelo Nogueira Magalhães

Diretor de Tecnologia

Eurico Vasconcelos

REVISTA DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, DA FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

Edição Luiz Carlos de Carvalho (CE00812JP)

Textos Luiz Carlos de Carvalho, Ethel de Paula,
Emanuel Furtado e Andreza Reis

Estagiários Cintia Martins, Everton Lacerda,
Lígia Grillo e Melissa Carvalho

Projeto Gráfico LaBarca.Design

Diagramação Carta&Carta

Produção Gráfica Robério Ângelo

Supervisão Gráfica Denilson Soares

Fotos Ares Soares e Saulo Galdino

Impressão Gráfica Unifor

Tiragem 3.000 exemplares

CONSELHO EDITORIAL

Henrique Sá / **Vice-Reitor de Ensino de Graduação**

Randal Pompeu / **Vice-Reitor de Extensão**

Bete Jaguaribe / **Coordenadora**

de Cinema e Audiovisual

Lara Fernandes / **Coordenadora de Direito**

CONTATO

**Diretoria de Comunicação
e Marketing da Unifor**

Prédio da Reitoria - Av. Washington Soares,
1321, Edson Queiroz
Fortaleza - CE — Tel: +55 85 3477.3377

imprensa@unifor.br - www.unifor.br

www.facebook.com.br/uniforoficial

instagram.com/uniforcomunica

www.youtube.com/uniforcomunica

O Ministério da Cidadania e a
Universidade de Fortaleza,
da Fundação Edson Queiroz,
convidam você para visitar
a exposição



LÚZAR SEGALL. Figura sentada entre flores. 1924-26. óleo sobre cartão

ARTE MODERNA

NA COLEÇÃO DA **FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ**

Terça a sexta, 9h às 19h | Sábados e domingos, 10h às 18h

Curadoria: Regina Teixeira de Barros

Espaço Cultural Unifor

Av. Washington Soares, 1321
Edson Queiroz, Fortaleza/CE

Estacionamento no local

Entrada gratuita | www.unifor.br

Informações: 85 3477.3319



Apoio



Patrocínio



Realização



64

08



22



04 EDITORIAL

08 TAGS

Resumo das principais notícias da Unifor

10 PRATELEIRA

Livros de alunos e professores da Unifor para compartilhar conhecimento, por meio da literatura, poesia e textos científicos

14 MARQUE UM AMIGO

Amigos relembram a passagem de Welligton Barbosa Jr. pelo curso de Psicologia da Unifor

16 INTERCÂMBIO INTERNACIONAL

Binta Yaffa e Lianne Ceará falam de suas experiências no Brasil e em Portugal

18 NO INTERVALO

Nossos alunos concludentes contam o que estão planejando para o futuro

22 FORMAÇÕES MULTIPLAS

Na Unifor, o aluno desenvolve experiências significantes de aprendizagem, para se manter em desenvolvimento



30 MULHERES CIENTISTAS

Alunas e professoras da Unifor destacam os desafios e ganhos da presença feminina em pesquisas científicas

38 REGIANE SANTOS

Diretamente da Holanda, a Doutora em Reprodução Animal e em Biologia de Células Reprodutivas fala sobre sua relação com a Unifor e a pesquisa

44 FREUD

Unifor comemora Freud e os 100 anos do ensino da psicanálise nas universidades

48 CAPA - CURADORIA

Entenda as diversas possibilidades e desafios que envolvem essa profissão emergente no Brasil e no Ceará

58 EMPREENDEDORISMO JURÍDICO

O mercado de trabalho abre cada vez mais as portas para a revolução tecnológica.

64 CLUBE DE LEITURA

Pessoas se reúnem para compartilhar a paixão pela literatura

64 VAI DEIXAR SAUDADE

Sarah Linhares comenta momentos marcantes em sua trajetória na Unifor

ENTRE AS MELHORES DA AMÉRICA LATINA



A Universidade de Fortaleza, da Fundação Edson Queiroz, é a única instituição de ensino superior privada das regiões Norte e Nordeste do Brasil a fazer parte do *Times Higher Education Latin America* (THE 2019), ranking que destaca as principais universidades de 12 países da América Latina e Caribe. Entre as universidades privadas brasileiras, a Unifor ficou em oitavo lugar. O resultado foi anunciado em junho, durante solenidade realizada na Pontifícia Universidad Católica Del Peru, em Lima.

Esta é a segunda vez, em 2019, que a Unifor faz parte de ranking universitário internacional. Em maio deste ano, a QS World University Rankings, que avalia o desempenho de instituições de ensino superior do mundo inteiro, incorporou a Unifor entre as melhores da América Latina e dos Brics (bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), pela sua excelência no ensino e na pesquisa.

O reconhecimento nacional e internacional da Unifor e a sua maturidade acadêmica não vieram por acaso. É fruto do trabalho de profissionais que lutam e desejam que, pela educação, pelo ensinar e pelo aprender diário, se construa a sociedade justa e humana no mundo melhor que queremos.

LUSOFONIA EM DEBATE

A Unifor sediou o 6º Congresso Internacional da Lusofonia, que reuniu dez países de língua portuguesa, sob o tema “Dignidade humana e desenvolvimento social: justiça, do crescimento econômico e da sustentabilidade ambiental”. A programação contou com palestras, mesas-redondas, grupos temáticos e sessões plenárias. O evento teve como objetivo fortalecer os projetos de pesquisa e ensino entre os países que partilham patrimônio cultural, linguístico e jurídico lusófono, contando com docentes e discentes dos cursos de Direito, bem como os profissionais dos sistemas de Justiça dos países lusófonos. Foi a primeira vez que o Congresso aconteceu no Nordeste, sendo uma iniciativa da Unifor, em parceria com as Universidades da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e do Minho, de Portugal.



EXPOCOM NORDESTE: ALUNOS CONQUISTAM 10 PRÊMIOS

Estudantes dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Unifor foram premiados em dez categorias na **Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação** (Expocom), que fez parte da programação do **xxi Congresso de Ciências da Comunicação** na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em São Luís. O congresso teve como temática *Fluxos Comunicacionais*. Agora os alunos se preparam para a etapa nacional, que ocorrerá na Universidade Federal do Pará (UFPA), sediada em Belém, Pará (PA), de 2 a 7 de setembro de 2019.



MISSÃO NACIONAL

Alunos da Escola de Comunicação e Gestão, da Pós-Unifor, foram recebidos por Roberto Medina, criador do Rock in Rio, e Luiz Justo, CEO do festival. A visita fez parte da missão nacional que visa proporcionar aos alunos vivência prática fora da sala de aula. Além de conhecer a empresa Rock In Rio e a Casas Pedro, os alunos visitaram o Museu do Amanhã como parte do programa Arte&Ciência. Segundo a coordenadora da Escola de Comunicação e Gestão, Mariana Mota, a missão possibilita aos participantes terem contato com empresas nacionais e multinacionais de sucesso. “Eles observam suas práticas e modelo de gestão. O ganho na carreira do aluno é notório, ele aprende a ligar todo o conteúdo a práticas de empresas inspiradoras”, conclui.

PRATA DA CASA

LIVROS DE NOSSOS ALUNOS
E PROFESSORES

ANÁLISE DIMENSIONAL DE SISTEMAS DE MEDIÇÃO EM SUPERFÍCIES LIVRES

**Autores: Clídio Richardson
Gonçalves de Lima, Gustavo
Donatelli e Christian Baldo**

SOBRE OS AUTORES /

Clídio Lima possui graduação em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal do Ceará e Mestrado em Metrologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É Coordenador Pedagógico do curso de Engenharia Mecânica da Unifor. Gustavo Donatelli é professor da UFSC e Christian Baldo tem doutorado em Engenharia de Controle de Automação pela UFSC.

SINOPSE DA OBRA /

Com a competitividade inerente ao mercado sem fronteiras, a sustentabilidade de uma empresa envolve, necessariamente, ações de garantia da qualidade do produto e do processo de fabricação. Por sua vez, a garantia da qualidade será efetiva se, e somente se, as informações por ela analisadas forem confiáveis e consistentes, papel esse que cabe à



Clídio Richardson Gonçalves de Lima - Gustavo Donatelli - Christian Baldo

Análise dimensional de sistemas de medição em superfícies livres

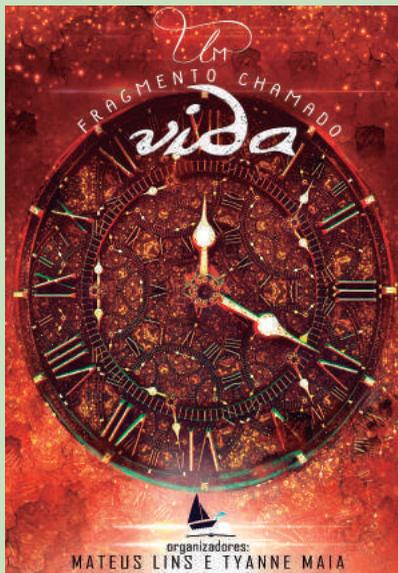
Avaliação dimensional com e sem contato

Novas Edições Acadêmicas

Metrologia. No sub-ramo da metrologia dimensional, pode-se dizer que um dos grandes desafios reside na medição de peças fundidas de médio e grande porte, principalmente aquelas caracterizadas pela presença de superfícies livres. A metrologia por coordenadas tradicional, adequada a tantos cenários, não pode ser considerada solução ótima para a medição de superfícies livres em peças fundidas de médio e grande porte, principalmente pela falta de portabilidade.

Nesse caso, os braços articulados de medição e os sistemas baseados em fotogrametria surgem como opções bastante convidativas. O corpo do presente trabalho envolve exatamente a avaliação metrológica e operacional desses sistemas de medição.

“Esta obra foi fruto da minha dissertação de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para mim, o assunto continua relevante mesmo o trabalho tendo sido defendido há 13 anos. No último Congresso Internacional de Metrologia Mecânica - IV CIMMEC, realizado em novembro de 2017, aqui em Fortaleza, publiquei dois artigos sobre este trabalho”.



UM FRAGMENTO CHAMADO VIDA

Organizadores: Mateus Lins e Tyanne Maia

SOBRE OS ORGANIZADORES /

Mateus Lins é advogado com atuação voltada aos setores da economia criativa. É mestrando em Direito Constitucional e Teoria Política pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade de Fortaleza (Unifor). Desenvolve pesquisas na área dos direitos autorais, por meio do Grupo de Estudos e Pesquisas em Direitos Culturais (Unifor/PPGD). Escritor, há seis anos trabalha comercialmente com literatura e há três anos realiza oficinas de escrita criativa em Fortaleza. Tyanne Maia é cearense e escritora de contos, crônicas e livros. Entre suas obras, encontram-se coleção de histórias infantis e vários contos de suspense em antologias.

SINOPSE DA OBRA / Com distintas releituras da sociedade contemporânea, a antologia Um Fragmento Chamado Vida convida o leitor para um passeio

inquietante por fendas sociais cotidianamente negligenciadas, provocando questionamentos íntimos sobre as relações humanas. A obra propõe a compreensão e a reflexão acerca das diversas formas de relacionamento em um mundo caótico, egoísta e conectado pela tecnologia, em que as pessoas parecem tão próximas e ao mesmo tempo tão distantes umas das outras. O livro é uma obra coletiva, organizada por Mateus Lins e Tyanne Maia e reúne 20 autores, dos quais 13 são cearenses. A seleção dos contos foi feita por meio de edital.

“A história que eu usei para o livro foi uma que já tinha na cabeça e em rascunho há alguns anos. Quando surgiu esse tema, logo pensei na história. Então aprimorei e mandei. Tinha gostado muito da história e já tinha um sentimento que ia ser escolhido. É um relato meio antigo, mas que sempre teve um lugar bem especial nas minhas ideias, poder publicá-la foi uma grande satisfação”.
Natália Coelho, graduanda do curso de Jornalismo da Unifor

REFLEXÕES CRÍTICAS DO NOVO CÓDIGO PROCESSUAL CIVIL

Coordenação:

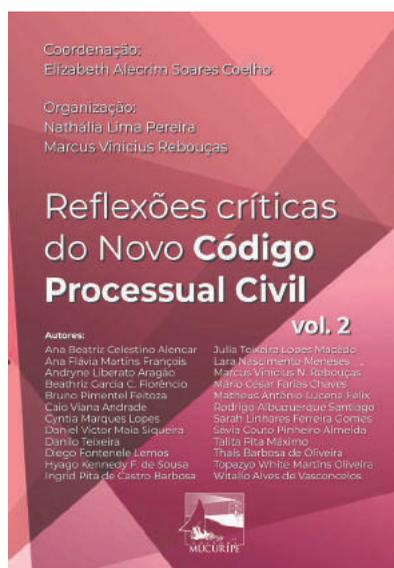
Elizabeth Alecrim Soares Coelho

SOBRE A COORDENADORA /

Elizabeth Coelho é advogada, professora-adjunta da Universidade de Fortaleza (Unifor), Procuradora Jurídica do Conselho Regional de Contabilidade do Estado do Ceará (CRC/CE), 2ª Vice-Presidente da Comissão de Estudos Políticos da OAB/CE e pesquisadora do Núcleo de Estudos Internacionais (NEI). É Doutoranda em Ciências Políticas pela Universidade de Lisboa. Mestre em Direito pela Universidade de Fortaleza (Unifor), Especialista em Direito Processual Civil pela Escola Superior do Ministério Público do Ceará e Especialista em Direito Penal pela Unifor.

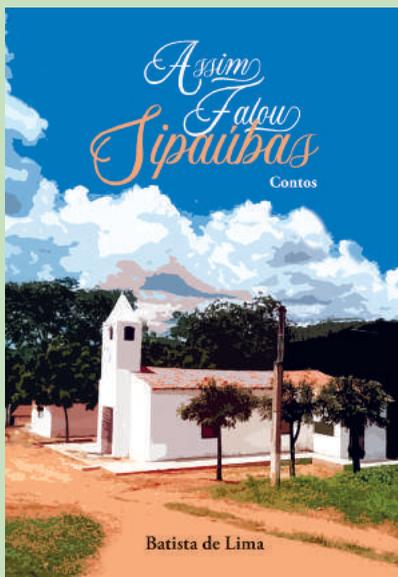
SINOPSE DA OBRA /

O livro é uma coletânea de discussões desenvolvidas no Grupo de Estudos Processuais (GEP) frente às inovações



trazidas pelo novo diploma processual civil. A publicação demonstra a inquietação dos discentes diante dos inúmeros questionamentos provenientes da alteração legislativa, com orientação da professora Elizabeth Alecrim.

“O propósito do livro nasceu das aulas ministradas na disciplina de Direito Processual Civil ao longo do magistério no curso de Direito. A cada semestre via a necessidade de despertar nos alunos o interesse pela disciplina. Sempre tive posicionamentos críticos com meus alunos, fazendo-os pensar. Mas isso não era o suficiente. Em 2015, criei o Grupo de Estudos Processuais (GEP), hoje vinculado ao Núcleo de Pesquisa do Centro de Ciências Jurídicas (Nupesq). O grupo conta com uma turma de quase 20 alunos pesquisadores. Com os debates nos temas propostos, transformamos em palestras levando para a comunidade jurídica da Unifor. Em novembro de 2017, lançamos o primeiro volume. Em maio de 2019, lançamos o segundo volume. A ideia é continuar. Não quero parar nunca. Minha maior inspiração nesse projeto são os meus alunos”. Elizabeth Alecrim Soares Coelho



ASSIM FALOU SIPAÚBAS

Batista de Lima

SOBRE O AUTOR /

Batista de Lima é poeta, escritor e professor da Universidade de Fortaleza (Unifor). É graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia do Ceará e em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). É Mestre em Literatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e especialista em Teoria da Linguagem pela Unifor. Atualmente, ocupa a cadeira nº 2 da Academia Cearense de Letras e ocupa a cadeira nº 36 da Academia Cearense da Língua Portuguesa.

SINOPSE DA OBRA /

Assim Falou Sipaúbas reúne contos publicados por Batista de Lima durante dez anos no jornal Diário do Nordeste. O livro traz histórias rotineiras de personagens típicos da cidade interiorana Sipaúbas.

“Meu livro anterior de contos se chama O pescador de Tabocal. Era uma cidade também fictícia e Sipaúbas é uma cidade que fica próxima a Tabocal. Nessa cidade, tem diversos personagens característicos. Em cada conto os personagens têm tipos bem característicos, como o maníaco, o coveiro, o padre conservador etc.. Esses contos foram publicados no Diário do Nordeste ao longo dos últimos dez anos que escrevo no jornal. Agora selecionei em torno de 20 contos muito interessantes, porque são contos que o público que leu no Diário do Nordeste já consagrou, seja por e-mails, comentários ou ligações que recebi”. **Batista de Lima**

FRANCISCO WELLIGTON BARBOSA JR

AMIGOS E PROFESSORES COMPARTILHAM UM POUCO DA TRAJETÓRIA DE WELLIGTON BARBOSA JR, EX-ALUNO DE PSICOLOGIA, SERTANEJO DO SERTÃO DE QUIXERAMOBIM, QUE SE DESCOBRIU POETA, PESQUISADOR E PROFESSOR NOS CORREDORES DA UNIFOR.

Psicólogo pela Universidade de Fortaleza, Mestre em Literatura pela Universidade de Évora e Doutorando em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro, ambas em Portugal. Todos esses títulos pertencem a Francisco Welligton Barbosa Jr., que ainda encontra tempo para ser pesquisador e membro do Núcleo de Estudos em Cultura e Ócio, da Universidade de Aveiro, e do Laboratório de Estudos sobre Ócio, Trabalho e Tempo Livre (Otium), do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Unifor.

A paixão por ensinar e pesquisar teve início no segundo semestre do curso de Psicologia: “Na Unifor, decidi que queria ser Professor e que iria fazer Mestrado e Doutorado”. Durante a graduação, ele aproveitou todas as oportunidades para alcançar seus sonhos, foi membro do Programa de Monitoria da Unifor, participou dos Encontros Científicos da Universidade e entrou como membro colaborador no Otium como bolsista CNPq.

Ele é descrito por professores e amigos como alguém responsabilmente crítico, dedicado aos estudos e projetos que desenvolve, além de ser uma pessoa sensível, ligado às suas raízes sertanejas e um apaixonado por literatura. O jovem escritor já lançou dois livros: “Impermanências” (2016) e “Dos males da falsa hósta ou a história em que uma hósta me engoliu” (2019). 



CLERTON MARTINS / COORDENADOR DO OTIUM, GRUPO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES SOBRE ÓCIO, TRABALHO E TEMPO LIVRE (OTIUM). FOI PROFESSOR DE WELLIGTON

No Otium, o Welligton foi aquele aluno que se superou, esperou o melhor momento e redefiniu seus caminhos a partir do que viu e viveu na pesquisa. Trata-se de alguém que não se estabelece na superfície dos temas aos quais se interessa. Sabe aquela pessoa que não promete nada e entrega para além do esperado em resultados? Pois foi assim!

MARQUE UM AMIGO



TEREZINHA JOCA

COORDENADORA DO PROGRAMA DE APOIO
PSICOPEDAGÓGICO (PAP). FOI PROFESSORA DE WELLIGTON

Durante a disciplina Psicologia da Adolescência, Fase Adulta e Velhice, propus que os alunos lessem os artigos das disciplinas e trouxessem textos dentro de um sentido que eles quisessem. Welligton trazia poesias. Era uma criatividade muito grande que ele revelava. As poesias eram esperadas por todos porque ele lia na hora da aula. Ele concluiu a disciplina muito bem. Foi excelente aluno.



MARLO ROCHA

PSICÓLOGO. EX-COLEGA
DE TURMA DE WELLIGTON

Nós entramos juntos na graduação. No início, ele era muito reservado e tímido, mas tirava excelentes notas e era muito querido pelos professores. Sempre foi muito apaixonado por escrever e por poesia, literatura de forma geral. Foi eu quem o levou para o Otium. Entrei no grupo antes dele e percebi que tinha tudo a ver com ele porque o Welligton era um bom aluno, estudioso e tirava notas boas.



BERTA NEVES

PSICÓLOGA. COLEGA DE
WELLIGTON NO OTIUM

Conheci o Welligton um ano atrás quando fui a Bilbao, na Espanha. Eu já era leitora da sua obra, tinha lido o primeiro livro dele e sabia que estava produzindo um segundo. A partir daí começamos a ter uma troca intensa de mensagens e contribuições acadêmicas. É um ano só, mas parece que nos conhecemos há muito mais tempo.



LAÍS DUARTE

PSICÓLOGA. EX-COLEGA DE
TURMA DE WELLIGTON

Welligton tornou-se valente, atrevido e pronto para o ataque em prol da defesa de suas ideias e percepções a fim de que ninguém o apague e o pise. Quem diria, tornou-se fogo que com muita coragem e disposição está indo à luta para conseguir expor quem é e de onde veio para deixar uma marca nesse mundo: seus filhos-livros. Penso que são presentes que esse mundão ganha.



IDAS E VINDAS

INÚMERAS SÃO AS POSSIBILIDADES QUE O PROGRAMA DE INTERCÂMBIO PODE OFERECER. CONFIRA OS CAMINHOS TRILHADOS POR ESSAS DUAS ESTUDANTES.

Binta Yaffa: o intercâmbio está ajudando a desenvolver sua criatividade

NOME / Binta Yaffa

IDADE / 23 anos

LOCAL DE ORIGEM / Berlim, Alemanha

CURSO DE ORIGEM /

Gestão de Negócios Internacionais na Escola de Economia e Direito de Berlim

CURSO QUE FAZ NA UNIFOR /

Administração

PERÍODO DO INTERCÂMBIO /

De fevereiro a dezembro de 2019

Como tem sido sua experiência como intercambista?

Minha experiência tem sido muito legal. As pessoas aqui são muito amigáveis. Vim para fazer somente um semestre de intercâmbio, mas amei tanto a universidade que vou ficar dois semestres aqui. Os professores ajudam muito. Por enquanto, minhas aulas são somente em inglês, mas estou esperando para começarem as disciplinas em português. Acho que serão difíceis, mas estou preparada para esse desafio.

Como o intercâmbio vai ajudar na sua trajetória acadêmica e profissional?

Estou indo para uma área mais criativa na minha carreira e a Unifor tem me ajudado a alcançar isso. Antes estava focada em Gestão de Negócios, minha faculdade não é tão grande e é bastante focada em negócios. Aqui,

tenho a oportunidade de ter aulas fora desse campo de estudo, então posso ter aulas de Marketing e Publicidade, por exemplo. Eu amo negócios mas sou uma pessoa criativa e eu quero muito desenvolver minhas habilidades nessa área.

Quais as suas expectativas?

Eu espero crescer, me desenvolver mais, ser capaz de trabalhar mais em mim mesma. Também quero conhecer as pessoas daqui, por que o meu intercâmbio não é apenas sobre estudo, mas também sobre viver no Brasil. Tem sido maravilhoso conhecer as pessoas, a cultura e o país. **U**



Lianne Ceará: O intercâmbio está contribuindo para sua formação cidadã

NOME / Lianne Ceará

IDADE / 20 anos

LOCAL DO INTERCÂMBIO /
Fortaleza, Ceará

CURSO QUE FAZ NA UNIFOR /
Jornalismo

CURSO QUE FAZ NO INTERCÂMBIO /
Ciências da Comunicação
na Universidade de Lisboa

PERÍODO DO INTERCÂMBIO /
De fevereiro a julho de 2019

Como tem sido sua experiência como intercambista?

A minha experiência tem sido bastante enriquecedora. Além de ser um intercâmbio universitário, vejo também como um intercâmbio cultural. Estou fazendo algumas viagens pela Europa e isso tem me enriquecido muito. Além de estar me acrescentando como pessoa e como universitária, acredito que o intercâmbio está me acrescentando como cidadã.

Como o intercâmbio vai ajudar na sua trajetória acadêmica e profissional?

O jornalista é um profissional que lida muito com pessoas, então acho que vou ver as pessoas de outra forma, escutar

as pessoas de outra forma, entendendo e respeitando a cultura que ela está inserida. Consegui uma oportunidade de estágio voluntário aqui na faculdade, no projeto Ponto de Partida. Além de acrescentar no meu currículo, vai me ajudar a escutar as pessoas de outra forma, a ser mais tolerante. Eu acredito que um bom profissional do jornalismo é aquele que sabe escutar as outras pessoas.

Quais as suas expectativas?

Espero conhecer novas pessoas, de diferentes culturas e me conhecer mais. Acho que o intercâmbio é uma ótima oportunidade para criar mais independência, ter mais liberdade e se auto conhecer. Não quero me arrepender de nada e voltar para casa com a vontade de fazer algo que eu não fiz. Então espero fazer tudo o que eu quero aqui. **U**

☐ A Unifor possui convênio de mobilidade estudantil com mais de 160 universidades ao redor do mundo e oferece aos seus alunos os programas de Intercâmbio Acadêmico e o de Dupla Titulação Acadêmica. Saiba mais por meio do telefone (85) 3477.3127 ou pelo e-mail international@unifor.br



“Ser inserida no mercado de trabalho e colocar em prática tudo que a Unifor me ensinou, sem deixar de me aprimorar na minha área de formação”.

BEATRIZ MONTEIRO / 23 ANOS / ALUNA DE ENGENHARIA AMBIENTAL E SANITÁRIA

“Após a colação de grau pretendo seguir me qualificando na minha área, adquirindo experiência e me tornar cada vez mais competente no que me proponho a fazer.”

LUCAS LESSA / 29 ANOS / ALUNO DE ENGENHARIA AMBIENTAL E SANITÁRIA

“Pretendo me especializar cada vez mais na área que escolhi e investir na minha qualificação profissional, aliando meus conhecimentos e experiências obtidos ao longo desses cinco anos”.

JUSSARA RODRIGUES BARROSO / 23 ANOS / ALUNA DE ENGENHARIA AMBIENTAL E SANITÁRIA

“Enfim formada, desejo a cada novo dia adquirir mais conhecimento e agregar valor à minha formação. Acredito em minha competência e habilidade e pretendo ser uma profissional de excelência, respeitando aquilo o qual coloquei como minha missão: servir, como pessoa e profissional, entendendo sempre a necessidade do outro.”

ATIELE CAVALCANTE / 22 ANOS / ALUNA DE ANÁLISE DE DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS



QUAIS SÃO SEUS PLANOS E METAS PARA O FUTURO?



“Pretendo realizar a inscrição definitiva para a prova da OAB/CE. Posteriormente, pretendo exercer a advocacia nos ramos do direito civil e trabalhista, tentando conciliar com os estudos para o concurso da magistratura, já que meu foco e objetivo principal é a magistratura estadual.”

**THAYS MACIEL / 22 ANOS /
ALUNA DE DIREITO**

“Após a colação de grau, estarei me preparando para a segunda fase do exame da Ordem dos Advogados Brasileiros (OAB). Após a aprovação, pretendo concorrer a uma vaga de Advogado Júnior na empresa em que atualmente sou estagiário. Anseio ainda em me especializar na área de saúde suplementar.”

**EXPEDITO JÚNIOR / 23 ANOS /
ALUNO DE DIREITO**

“Nesse primeiro momento, já estou trabalhando e quero continuar. No final do ano, pretendo fazer prova para residência em neurologia. Durante o curso, a gente traceja muitos planos, mas eles vão evoluindo e dando espaço a outros que nem existiam. Eu gostava muito de pensar em ser médico assistencialista. Hoje, vejo isso só como uma parte importante do que quero ser. Uma coisa que despertou durante o curso foi o desejo de ser docente. Eu quero voltar aqui para Unifor como professor.”

**MATHEUS BESSA / 25 ANOS
ALUNO DE MEDICINA**



“Depois da formatura quero aplicar os conhecimentos adquiridos na Unifor. Pretendo fazer uma sociedade com a minha colega de curso, empreender no ramo e buscar mais qualificação profissional na pós-graduação.” **ROANA MONTEIRO / 30 ANOS / ALUNA DE ESTÉTICA E COSMÉTICA**



“Tenho uma visão bastante empreendedora do mercado de estética. Pretendo atuar no interior do estado, em Paracuru. Na cidade, não tem nenhum tipo de clínica de estética. Por isso, quero montar esse empreendimento. Também pretendo fazer projetos sociais na minha área de atuação, já que as pessoas não conhecem muito o trabalho de estética voltado para a comunidade”. **WANESSA SARAIVA / 36 ANOS / ALUNA DE ESTÉTICA E COSMÉTICA**

“Quero dar continuidade aos meus estudos e fazer uma pós-graduação. Desde o início do curso eu tenho vontade de ser docente. É o que sempre quis fazer. Também pretendo atuar na área com ênfase na terapia capilar.” **CLÁUDIA GERMANA / 32 ANOS / ALUNA DE ESTÉTICA E COSMÉTICA**

“Os meus planos para o futuro são: atuar na área de jornalismo empresarial, que eu tive mais afinidade ao longo do curso. Também quero abrir uma empresa e pretendo utilizar essas ferramentas e recursos que aprendi durante a graduação.”

ANA JULIA ALVES / 22 ANOS / ALUNA DE JORNALISMO



“Atualmente, eu sou freelancer e já trabalho com algumas empresas. Agora, saindo da Universidade, quero focar um pouco mais nesses meus trabalhos e registrar a minha empresa com mais outros dois colegas. Futuramente, pretendo fazer uma especialização fora do país e estou me planejando para isso.”

NILDO MELLO / 24 ANOS / ALUNO DE JORNALISMO

“Eu quero, primeiramente, me estabilizar no mercado de trabalho e, futuramente, me especializar em uma pós-graduação para realizar os meus sonhos.”

IVNA GÓIS / 22 ANOS / ALUNA DE JORNALISMO

“Levar adiante os meus estudos, primeiramente, fazendo uma pós-graduação, possivelmente um mestrado. Quero levar adiante os estudos na minha área porque sei que vou precisar muito dessa qualificação. Montar um consultório também está nos meus planos. Onde estiverem precisando da fonoaudiologia eu quero estar.”

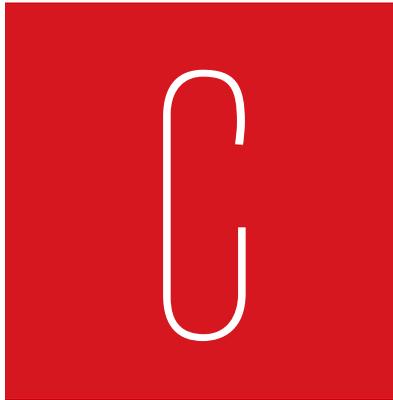
ANA CAROLINA MORAIS / 25 ANOS / ALUNA DE FONOAUDIOLOGIA



O ETERNO RETORNO DO CONHECIMENTO

POR QUE PAROU? CONHECER E ESTUDAR SÃO VERBOS NO INFINITO FEITOS PARA SE CONJUGAR POR TODA UMA VIDA, DE ACORDO COM AS DEMANDAS E OFERTAS SURGIDAS OU CRIADAS EM CADA CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL. SABER PARA NÃO PERDER O TREM-BALA DA HISTÓRIA, PARA MANTER-SE VITAL E CRIATIVO, PARA SER OU VIR A SER AQUILO QUE O FAZ SUJEITO TRANSFORMADOR DA REALIDADE. E VIVA AS MÚLTIPLAS E CONTÍNUAS FORMAÇÕES!

FOTO / ARES SOARES



Complexo e impreciso, o século XXI enaltece o eterno aprendiz e não cansa de inventar modos de existência para o livre pensar, aquele que vai além do mero acúmulo de conhecimentos e do ensino formal. Seu grande mérito está justamente na conexão entre múltiplos saberes e numa irrefreável abertura para o aprendizado transversal e multifacetado, livre ou fora das “caixinhas”. E é estimulando o uso de expertises diversas com vistas à resolução de problemas individuais e coletivos que a

Unifor olha nos olhos do presente e promete manter vivo e ativo o profissional do futuro em formação. É o que pensa o Vice-Reitor de Ensino de Graduação, professor Henrique Sá.

“A necessidade de se manter em permanente processo de aprendizagem e desenvolvimento é uma competência essencial para este século. E a informação, hoje um recurso disponível, já não é mais o principal diferencial, apesar de ser um motor das transformações. Também não é a quantidade de conhecimento que um sujeito tem ou acumula em um dado tempo que vai fazer a diferença. Aquele contêiner de conhecimento pode não valer absolutamente nada no momento seguinte”, sugere o vice-reitor. Para ele, o que importa é como se aplica, utiliza e contextualiza o conhecimento, as informações e as competências adquiridas ao longo de um processo de formação. Isso porque o mundo vai passar por inúmeros ciclos de transformação e adaptação para novas

realidades, abrindo passagem para a entrada de novas tecnologias simultaneamente. “Então, o ativo essencial passa a ser a prontidão para a aprendizagem que busca o desenvolvimento pessoal e profissional”, defende.

Diante do novo paradigma, Henrique Sá chama atenção para a necessidade de o aluno de graduação da Unifor desenvolver experiências significativas de aprendizagem, onde irá incorporar ferramentas, processos e métodos para se manter permanentemente em desenvolvimento. E ele atesta: “isso se dá na utilização de metodologias ativas de ensino-aprendizagem. Ou seja, quando você incorpora novos conhecimentos desenvolvendo uma metodologia de análise complexa de situações-problemas e aplica os conhecimentos que já tem junto aos novos conhecimentos para responder a demandas e situações concretas e reais na verdade está não só incorporando novos conhecimentos, mas a própria metodologia de resolver situações complexas. Isso a gente chama de aprendizagem baseada em projetos”.

Traço diferencial de muitos cursos de graduação da Unifor, a aprendizagem baseada em projetos não à toa vem sendo cada vez mais incorporada aos currículos, afirmando justamente as abordagens ativas de soluções de problemas complexos. Assim é que, desde os primeiros semestres, o aluno da Unifor é levado a ter contato direto com a realidade e com a problematização dela. “Se ele desenvolve um processo de formação onde esse contexto profissional em um mundo em transformação está na ordem no dia, tornando-se objeto de estudo, terá muito mais recursos-chaves para decodificar situações-complexas que ainda virão e fazer as conexões necessárias para solucioná-las”, analisa o professor.

Mas como se preparar, no presente, para problemas que ainda não existem,



**“TODAS AS ÁREAS DO CONHECIMENTO
REQUEREM UM TRABALHO DE CURADORIA
DESDE O CAMPO ARTÍSTICO-CULTURAL ATÉ AS
PERSPECTIVAS COMERCIAIS. É UMA NOVA ERA
PARA O MERCADO DE TRABALHO. ”**

Henrique Sá

Vice-Reitor de Ensino de Graduação

PRESENTISTAS, VENCEREMOS!

Pasmem: em 1970, a Unesco propôs a urgência da aprendizagem ao longo da vida para o desenvolvimento da humanidade. O receio era que se o adulto (ou a sociedade) não entendesse que é preciso aprender sempre, surgiria uma nova classe de iletrados. Para o mestre em administração (PUC – SP) e doutor em psicologia do aprendizado (USP), Conrado Schlochauer, isso aconteceu. E foi justamente essa nova classe de iletrados que, nas últimas eleições presidenciais nos Estados Unidos e no Brasil, se mostrou inapta para entender uma nova forma de pensar, agir, trabalhar e fazer política em sociedade, mediada pelas novas tecnologias e, em particular, por aplicativos usados em redes sociais, como o Twitter.

“É toda uma geração que não tem educação, pensando em mundo, ou seja, nas pessoas que abandonaram ou não acessaram a educação formal. Ou ainda, se pensarmos percentualmente em Brasil, o número de analfabetos funcionais, que beira 20%. É muito triste e real. Essa nova classe de iletrados não está conectada a uma sociedade em transformação. São os profissionais médios das empresas, que nunca ouviram falar de futurismo e que às vezes até sabem sobre a tal transformação digital, mas não foram de fato convidados - ou seduzidos - para

aprender sobre isso”, observa Conrado. Para ele, esse contingente foi esquecido pelos novos “treinamentos de inovação” e, sozinhos, tateiam no escuro um caminho para se preparar para o futuro.

Tudo porque, segundo ele, estamos mais preocupados em olhar para o depois de amanhã do que para o hoje. E foi esse diagnóstico que o fez passar a se apresentar como um “presentista”, alguém que vê onde o futuro já está presente e possibilita a sua distribuição, gerando um impacto positivo no aqui e agora. “Um futurista é alguém muito importante preocupado em quando teremos o carro autônomo ou iremos para Marte. Mas há muita tecnologia nova não distribuída. Então, um “presentista” quer saber, por exemplo, como um drone pode ajudar na lavoura. Ou seja, é uma pessoa que reconhece o seu privilégio de ter mais conhecimento do que a média e tem a intenção de aplicar e distribuir essa tecnologia”, observa, defendendo que os “presentistas” precisam agir. Para agir, no entanto, é preciso jamais desistir de aprender, como também entender que o aprendizado pode se dar em qualquer lugar. Ou seja, para Conrado a escola e a universidade são impulsionadores mas não os únicos pontos de contato com o saber. “A aquisição do conteúdo é

COMO SER UM PRESENTISTA? ALGUNS ATRIBUTOS IMPORTANTES SÃO:

1) Não superioridade

O presentista se sente no mesmo nível do aprendiz. Temos todos excitação pelo futuro e prazer por aprender. Não saber algo óbvio não torna qualquer pessoa menor.

2) Antes do ensino, o convite

Criar um ambiente seguro em que todos se sintam convidados para aprender, sem medo de não pertencer a um grupo somente por não saber quem é Peter Diamandis.

3) Todos podemos ser presentistas

Se alguém entendeu um pouco mais, pode e deve disseminar esse conhecimento para outras pessoas. Não são só os especialistas que são autorizados a falar de transformação e futuro.

4) Uma nova lente para o futuro

Mais do que conteúdo, um presentista ajuda o aprendiz a criar sua própria forma de ver e compreender os futuros possíveis.

Fonte: www.valor.com.br



Conrado Schlohauer
 “Um presentista é aquela pessoa que reconhece o seu privilégio de ter mais conhecimento do que a média e tem a intenção de aplicar e distribuir essa tecnologia”

apenas uma etapa do processo de aprendizado, que deve acontecer ao longo de toda uma vida. E as fontes de conhecimento são diversas, mas costumo trabalhar com quatro: a primeira é rastrear conteúdo, podcast, audiobook, o que for possível; a segunda é viver experiências; a terceira é aprender com as pessoas; e a última dica é se conectar em redes”, enumera, dando ênfase às habilidades comportamentais.

“É preciso conhecer a psicologia de quem usa as tecnologias e unir cada vez mais as formações mais técnicas e as humanas. Acho que em 10 anos muitas carreiras vão continuar existindo. Mas a maior parte vai ser transformada. Então, é superbacana buscar continuamente o conhecimento mais epistemológico, porque é ele que organiza melhor o meu dia a dia e aperfeiçoa o meu trabalho. Mas meu convite é que, ao invés de pensar no conteúdo, pensar na transformação, no impacto dele na sociedade. Eis a nova ética que precisa ser esculpida para se viver melhor em sociedade”, sintetiza. **U**

mas virão? Médico pediatra, Henrique Sá sabe bem que um profissional da medicina não é formado para responder a demandas de curto prazo. Ele se prepara para atuar projetando 40 anos adiante, tornando-se apto a detectar problemas em potencial e lidar com tecnologias que ainda não foram inventadas, em meio a especialidades e práticas ainda nem imaginadas. Impasses que, segundo ele, põem em xeque a visão de futuro não só de quem está em formação, como também de quem se arvora a capacitar ou formar o outro. Daí porque, acredita, é necessário estar atento ao que chama de “sinais fracos do futuro”.

“Já não podemos antever o futuro hoje como era possível há 35 anos, quando entrei na Faculdade de Medicina, na década de 1980, e não tínhamos sequer internet. Sabemos que a incorporação de recursos tecnológicos em todas as áreas vai acontecer, os grandes bancos de dados, a automação dos processos, a incorporação de diagnósticos digitais, os procedimentos robóticos, os recursos de alta complexidade para análise de dados e tomadas de decisão. Mas não há uma convicção muito forte de como isso vai chegar e se consolidar daqui a cinco anos. Então, para que futuro a gente precisa preparar as pessoas?”, reflete. Em primeiro lugar, arrisca, a busca é por avançar na leitura dessas tendências, procurando dialogar e refletir junto a pessoas que estão inovando em cada uma das áreas. “É nessa fronteira que estão os sinais, as chaves para decodificar o desenvolvimento no futuro”, sugere.

Se assim for, outra exigência diz respeito à capacitação de docentes para estarem à altura dessa escuta e aptos a liderar o processo de condução dos discentes. “Se o professor não é mais a única fonte de informação, o papel dele é fazer a curadoria desse processo, organizar as informações, potencializar

“SE O PROFESSOR NÃO É MAIS A ÚNICA FONTE DE INFORMAÇÃO, O PAPEL DELE É FAZER A CURADORIA DESSE PROCESSO, ORGANIZAR AS INFORMAÇÕES, POTENCIALIZAR O ENCONTRO DO ALUNO COM ESSE CONTEXTO, TRAZÊ-LO PARA A BORDA E PREPARAR AS PONTES ENTRE O PRESENTE E O FUTURO”

Henrique Sá

Vice-Reitor de Pós-Graduação

o encontro do aluno com esse contexto, trazê-lo para a borda e preparar as pontes entre o presente e o futuro”, sublinha o vice-reitor, assumindo a tarefa já em curso como um ponto crítico, já que prevê investimentos não só voltados ao aperfeiçoamento técnico em cada uma das áreas de atuação docente, mas também em aspectos metodológicos, ou seja, nos processos ativos de ensino-aprendizagem e na utilização das abordagens inovadoras.

Por conta dos desafios futuros e em meio à nebulosidade do diagnóstico é que os cursos de graduação e pós-graduação da Unifor estão passando por um processo simultâneo de reformas curriculares. Segundo a Vice-Reitora de Pós-Graduação, Lília Sales, é a hora e a vez dos currículos complexos, integrados, multidisciplinares, com abertura para outras áreas e compartilhamento de recursos e processos. Flexibilidade com eletividade. Para o aluno, são criadas trilhas ou processos de aprendizagem com a possibilidade de multipercursos. Mas a ênfase recai mesmo é sobre os currículos práticos e vivenciais, as experiências reais capazes de desenvolver competências

socioemocionais e fortalecer projetos coletivos e complexos voltados à transformação da realidade.

“Para que o aluno desenvolva competências para esse século ele tem que se engajar num projeto que é maior do que o próprio curso e a área em si do conhecimento. Ele tem que desenvolver experiências de mundo. Pesquisas em todo o mundo apontam que o profissional do século XXI precisa ter a capacidade de resolver problemas, trabalhar em equipe, saber gerenciar pessoas, ressignificar situações, esbanjar flexibilidade cognitiva e criatividade, tudo isso amparado por um pensamento crítico. São habilidades, portanto, desenvolvidas por toda uma vida e aplicadas no desenvolvimento de projetos formais ou informais de trabalho, onde se tem um problema a resolver à luz de diversas áreas de conhecimento, de modo transversal e complementar”, enfatiza a também professora de Direito.

Tudo isso vetorizado pela tecnologia. Mas lembrando que a parte técnica pode ser substituível, tornando-se rapidamente obsoleta, ao mesmo tempo em que as novas

profissões também vão surgindo a partir das novidades tecnológicas. Inovar, portanto, é preciso. Mas não sem um propósito maior. É o que defende a Vice-Reitora de Pós-Graduação da Unifor: “Na Unifor, o conhecimento adquirido tem que impactar a sociedade, contribuindo com a resolução de problemas. Então, você não vem apenas fazer um curso, mas viver a experiência de transformar a vida das pessoas através do seu conhecimento. Nada de engavetar as pesquisas. É preciso dar sentido a elas e devolvê-las para a sociedade, já que vivemos numa realidade tão desigual em termos de oportunidades. Quer dizer, não podemos desperdiçar a nossa”.

Para Lília, é a responsabilidade social atrelada à educação que justifica o esforço da instituição em fazer tantas parcerias - locais, nacionais e internacionais. “A internacionalização, a visão global, essa noção de multidimensionalidade é que fazem repercutir nossas ideias e inovações. A Unifor dá o suporte. E assim foram criados os sutiãs para mulheres mastectomizadas a baixo custo; as pomadas cicatrizantes para



Lilia Sales: “Na Unifor, o conhecimento tem que impactar a sociedade, contribuindo com a resolução de problemas”

queimaduras; as arenas para cegos do Castelão, quando, por exemplo, os alunos da área de gerenciamento de projetos reuniram-se com os do Direito e foram ao Ministério Público Federal negociar o espaço com áudio-descrição. Hoje, tudo isso é realidade e impacta lá fora, já que partimos de problemas reais. E se a missão da universidade é realizar sonhos, a da pós passou a ser preparar líderes que transformam. Eis o nosso propósito”.

Em sala de aula, portanto, quanto mais experiência melhor. E a ordem é atrair pessoas com valores inovadores para pensar junto. Assim, o próximo passo na pós-graduação não poderia ser outro se não injetar, de forma holística, inventividade aos currículos. “Em agosto, vamos lançar o projeto Ciência e Arte, colocando dentro dos cursos de mestrado e doutorado quatro módulos que irão focar na comunicação, na escrita criativa, na capacidade de observar, refletir e imaginar. Ou seja, vai ter artista e cientista em um mesmo espaço. É um conceito simples, mas de difícil operacionalização, porque um aluno do mestrado em Direito ou Ciências da Cidade pode não entender a razão de estudar poesia, por exemplo. E aí você terá que convencê-lo argumentando que pesquisas no mundo inteiro mostram que estimulando a arte teremos profissionais no futuro mais criativos e originais”, destaca Lília.

Ao pensar criticamente no que o século XXI pede, a pró-reitora responde sem pestanejar: filosofia e artes são áreas a se apostar. Assim é que, nas mais de 100 turmas de especialização,

“VAMOS LANÇAR O PROJETO CIÊNCIA E ARTE, COLOCANDO DENTRO DOS CURSOS DE MESTRADO E DOUTORADO QUATRO MÓDULOS QUE IRÃO FOCAR NA COMUNICAÇÃO, NA ESCRITA CRIATIVA, NA CAPACIDADE DE OBSERVAR, REFLETIR E IMAGINAR”

Lília Sales

Vice-Reitora de Pós-Graduação

cinco mestrados profissionais, seis mestrados acadêmicos e cinco doutorados profissionais a ordem é convocar a área de Humanidades para o centro do debate, encarando-a como protagonista na formação do profissional do século XXI. “Em agosto, teremos a escola do Direito, a escola da área de Gestão, da Tecnologia e da Saúde. E além destas, estamos criando mais duas: a escola de Negócios e a escola de Artes e Design. Queremos o pulsar das artes perpassando todas as áreas e ajudando a desenvolver pesquisas que gerem impacto social, assim como as grandes instituições de ensino do mundo estão fazendo”, conclui Lília Sales. **U**

O APRENDIZADO DOS PRAZERES

Ler, estudar, interagir, vagar, pensar, imaginar. Para a jornalista Izabel Gurgel, tudo isso é estar vivo e diz sobre um aprendizado de si e do outro, algo que pode inclusive não servir para nada e nem ser exatamente útil, mas sempre alimentou e deu sentido ao que ela chama de “ética do encontro”, uma apaixonada disponibilidade para a partilha do sensível – ou de histórias e memórias que atravessam lugares e pessoas, para além dos livros, da cultura livresca e da própria formação acadêmica.

Ela, que já foi professora universitária e gestora cultural, hoje monta pequenos cursos livres como quem brinca com sua capacidade de fabular e encaixar peças de um imprevisível quebra-cabeças. A rigor, pode falar horas a fio para públicos restritos sobre assuntos aparente-

“SEMPRE VI O OBJETO-LIVRO COMO PERFEITO, PORQUE É POR MEIO DELE QUE TENHO TECIDO ENCONTROS E ME DEIXADO ATRAVESSAR POR INTELIGÊNCIAS IMEMORIAIS”

Izabel Gurgel
Jornalista

mente desimportantes, como os fiéis que montam altares em suas calçadas a cada dia 13 de maio só para verem a imagem de Nossa Senhora de Fátima passar em meio à multidão. Tudo porque ali, naquele microcosmo ambulante e efêmero, ela vê pulsar saberes e fazeres inimagináveis, repertórios coletivos de inestimável valor simbólico que só podem vir à tona através de uma imersão absoluta no aqui e agora, movida a muita conversa, empatia e total abertura para a escuta.

No menu de ofertas desse verdadeiro “aprendizado dos prazeres”, como bem definiria Clarice Lispector, há ainda digressões sobre o fazer artesanal dos fogos de artifício da Festa do Senhor do Bonfim de Icó; uma série de conversas intitulada A Cozinha do Tempo, onde casa, comida e espaços de criação aparecem entrelaçados, aproximando, sempre através dos livros, vida e arte; outra coleção de falas abrigadas sob o guarda-chuva do projeto Cidade Portátil, abrindo as comportas do manancial inventivo substancioso que vem das ruas, ritos e festejos populares espalhados pelo estado; ou ainda palestras surgidas na esteira de eventos que já fazem parte do calendário cultural local, como o Festival Alberto Nepomuceno (FAN), para o qual Izabel concebeu Labirinto sobre as Asas, uma pausa para falar do compositor e maestro cearense a partir do livro Ana em Veneza, de João Silvério Trevisan.

A jornalista que jamais parou de estudar e milita pelo livre pensar, formal ou informal, também não cansa de ser eterna estudante, integrando as plateias de seminários, oficinas, cursos e rodas de conversas em torno da arte e da ciência que, segundo ela, pululam gratuitamente pela cidade, sobretudo no ambiente acadêmico. “Sempre vi o objeto-livro como perfeito, porque é através dele que tenho tecido encontros e me deixado atravessar por inteligências imemoriais que vêm de muito longe e continuam habitando pessoas e lugares”, conclui. **U**



LUTE

COMO UMA CIENTISTA

TEXTO / ETHEL DE PAULA
FOTO / ARES SOARES

DESIGUAL MAS INCANSÁVEL, A LUTA DAS MULHERES NO BRASIL E NO MUNDO PARA ALCANÇAR A PARIDADE DE GÊNERO NO CAMPO DA PESQUISA CIENTÍFICA VEM CONQUISTANDO CADA VEZ MAIS VISIBILIDADE E ADERÊNCIA. TRATA-SE DE UM GRITO HISTÓRICO E PROBLEMATIZADOR CAPAZ DE RACHAR HOJE OS OUIDOS DA CIÊNCIA E TRINCAR A VIDRAÇA DE UM ESPAÇO AINDA PREDOMINANTEMENTE MASCULINO.

Cruzando diferentes pesquisas sobre o tema, a professora-doutora em farmacologia e coordenadora do Mestrado em Ciências Médicas da Unifor, Adriana Rolim, comemora especialmente o estudo realizado em 2017 pela Elsevier, instituição de origem alemã, onde Brasil e Portugal despontam no mundo como os dois países que apresentam maior equidade entre homens e mulheres atuantes enquanto pesquisadores e pesquisadoras.

“Alguns resultados animam, mas o que acontece é que, no Brasil, a gente

C



“DEPOIS QUE A MULHER TEM FILHOS, ELA SE TORNA COMPROVADAMENTE AINDA MAIS SENSÍVEL ÀS MUDANÇAS E ISSO PODE FAZÊ-LA UMA PESQUISADORA AINDA MELHOR DO QUE ANTES”

Adriana Rolim, professora e pesquisadora

não vê as mulheres chegando ao topo da carreira, ou seja, nos cargos de gestão da ciência, ou como diretoras de agências de fomento, fundações, ou mesmo nas Reitorias. Estes são casos raríssimos e o gráfico cai na medida em que a escolaridade aumenta, ou seja, quando ela sai da iniciação científica para buscar o mestrado ou o doutorado, concorrendo a bolsas de produtividade de maior status, como as de Produtividade do CNPq, por exemplo”, adianta Adriana.

Segundo ela, pesquisas indicam que um dos motivos pelos quais isso acontece diz respeito à maternidade. “Tudo porque, em geral, quando a mulher pesquisadora tem filhos, ela pode não ter o apoio necessário para continuar dedicada como antes ao trabalho científico, que exige produtividade contínua e requer pontuação. Nem o apoio institucional, nem o doméstico, que são indispensáveis nessa fase da gestação e primeiros anos de vida dos filhos. Daí é um momento de escolha: ou cuidar dos bebês ou da carreira acadêmica. Esse impasse também tem sido discutido mundialmente e há toda uma militância para dar estímulos à mulher pesquisadora que deseja avançar profissionalmente, além de ser mãe, é claro”, revela a coordenadora.

O que já chamou a atenção inclusive da ONU, que tem como um de seus objetivos para alcançar o desenvolvimento sustentável justamente a busca pela equidade entre homem e mulher – “e isso passa pela ciência” -, também vem rendendo debate junto à comunidade científica da Unifor: por meio do I Seminário Ciência e Maternidade, realizado no último mês de maio, docentes, discentes e gestores voltaram os olhos para o próprio campus, relacionando a realidade mais próxima aos contextos estadual e nacional. Antecedendo os relatos em torno das dificuldades e dos desafios comuns a mães-pesquisadoras, a professora Adriana Rolim apresentou

“POR CONTA DA MATERNIDADE, PERCEBEMOS QUE AS MÃES PESQUISADORAS PASSAM A ‘FILTRAR’ A QUE EVENTOS DE FATO DEVEM IR, EVITANDO AO MÁXIMO AS AUSÊNCIAS LONGE DA FAMÍLIA”

Normanda Araújo,
professora e pesquisadora



parte de uma pesquisa que vem realizando com uma de suas orientandas do mestrado em Ciências Médicas, Ana Paula Antero, sobre a participação feminina na Ciência cearense. Ao consultarem a homepage do CNPq, em outubro de 2017, uma primeira discrepância saltou aos olhos: de 343 pesquisadores cearenses detentores de Bolsas de Produtividade de Pesquisa apenas 126 eram do sexo feminino.

Internamente, números positivos: na Unifor, de 17 bolsistas de Produtividade em Pesquisa do CNPq 12 são mulheres. Também não há como deixar de reconhecer que a estrutura organizacional da instituição é feminina por excelência. Reitoria, chefia de gabinete, vice-reitoria de pós-graduação, diretoria de comunicação e marketing e três dos quatro centros de ciências têm mulheres à frente. Na pós-graduação Stricto Sensu, 4 dos 6 programas acadêmicos também são coordenados por elas, assim como dois dos cinco mestrados profissionais. Do seu lugar de fala, a professora e coordenadora Adriana Rolim ainda complementa: “no Mestrado em Ciências Médicas, de 948 mestrados, 549 são do sexo feminino. No doutorado, 53% dos 307 alunos também. Mas Saúde, em

geral, é uma profissão bem feminina, já que é ligada ao cuidado. Então, temos que enxergar a Unifor como um case, uma exceção à regra mesmo, porque em se tratando de Ceará e Brasil não é bem assim”, pondera a coordenadora.

Como pesquisadora atuante, o que Adriana percebe, em contraponto, é uma abertura cada vez maior dos eventos científicos realizados em todo o mundo para debater o aumento da participação das mulheres na Ciência. “Há áreas muito sensíveis, as tecnologias, por exemplo, onde realmente contamos com pouquíssimas mulheres, então a ordem é atraí-las para as ciências pesadas. Isso porque, desde criança, já é colocado na cabeça da menina que matemática é difícil, portanto não é pra ela. Hoje, no Brasil, há um esforço para mudar essa mentalidade: o Museu do Amanhã, por exemplo, e outras instituições educativas, já trabalham com atividades científicas específicas para meninas, para que desde cedo elas se interessem por Ciência. E não necessariamente para se tornarem cientistas, mas quanto mais cedo são expostas ao conteúdo científico mais críticas se tornam, mais abertas a aprender e, claro, um melhor desempenho escolar terão. É o que demonstram os testes

internacionais”, observa. Segundo Adriana, o Brasil ainda está engatinhando nesse cenário, mas já possui algumas iniciativas no âmbito das políticas públicas que contribuem para a participação feminina na Ciência, como a licença-maternidade para bolsistas e a prorrogação de bolsas de pesquisa para pesquisadoras que tiveram filhos durante a vigência delas, decisão retroativa a 2013, justamente para compensar aquele período da gravidez e pós-parto em que há uma ausência maior da pesquisadora no ambiente de trabalho. Há ainda incentivos pontuais, mas dignos de nota, como o do Instituto Serrapilheira, que dá pontuação extra à pesquisadora que teve filho com vistas a compensar alguma queda de produtividade no período de cinco anos.

“Recentemente a UFRJ lançou um edital de bolsa de iniciação científica, onde se orientadora que concorresse tivesse tido filho naquele período ela também ganharia pontos extras. E vem acontecendo ainda uma campanha que se chama Maternidade no Lattes, onde nós, mães pesquisadoras, podemos incluir no nosso texto de apresentação da plataforma o período de licença-maternidade, isso para quem for consultar

poder associar alguma possível queda de produtividade à maternidade recente. Eu mesma incluí licença-maternidade em 2010 e 2013. É como se aí a mulher tivesse um teto de apreciação e avaliação de sua atividade profissional diferenciado”, esmiúça a pesquisadora.

Niveladora por excelência, a questão do impacto da maternidade vem à tona ainda como elemento de desmonte de uma visão negativa sobre esse período no próprio ambiente acadêmico. “Depois que a mulher tem filhos, ela se torna comprovadamente ainda mais sensível às mudanças e isso pode fazê-la uma pesquisadora ainda melhor do que antes. Mas, ao contrário, somos vistas, sobretudo por homens, mas às vezes até por mulheres, como um estorvo, porque temos que sair mais cedo para buscar as crianças na escola ou porque não temos tanta disponibilidade para viajar para congressos. Então, ao invés de ser um ponto positivo na carreira é visto como entrave”, alerta.

Para Adriana, a Ciência no Ceará e no Brasil ainda tem um longo caminho a percorrer na busca por igualdade de gênero. Por isso, ela defende programas específicos destinados à inserção feminina na comunidade científica, assim como iniciativas aos moldes do Parent in Science, projeto que surgiu em 2018, no Rio Grande do Sul, com o intuito de levantar a discussão sobre a maternidade (e paternidade!) dentro do universo da ciência do Brasil. Reivindica ainda outras tantas pesquisas que considerem as várias categorias identitárias, como cor/raça, classe, religião e localidade, a fim de não se incorrer numa visão reducionista de que o gênero é a única forma de subordinação das mulheres no ambiente acadêmico.

SUPERMÃE NÃO, POR FAVOR!

Parentalidade e Ciência. Para a coordenadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Unifor, professora Normanda Araujo de Moraes, é preciso ir além do escopo da maternidade quando a ordem é debater a participação das mulheres no ambiente acadêmico e o impacto de se tornarem mães em meio à turbulência de atividades acadêmicas e exigências curriculares. Como orientadora de uma dissertação de mestrado que investiga a interação família-trabalho no âmbito da docência na pós-graduação, ela e sua orientanda, Jaqueline Sobreira, vêm percebendo entre as entrevistadas que encaram o desafio de conciliar a chegada dos filhos com suas carreiras científicas um discurso comum em torno daquilo que passaram a chamar de “maternidade compartilhada”.

“Estamos em um contexto de universidade e de mulheres com carreiras acadêmicas em plena vitalidade que sabem que faz toda a diferença poder contar com seus parceiros ali dividindo tarefas e responsabilidades, mas também com mães, sogras, babás e domésticas. Entendem que são privilegiadas por ter essa rede de apoio e sabem que não se educa uma criança sozinha mesmo, é preciso uma aldeia toda”, destaca Normanda. A reorganização familiar e doméstica é outra atitude recorrente. A partir da fase de gestação, o esforço do casal – e não só da mãe – é por não mais levar trabalho para casa e concentrar as atividades exclusivamente no ambiente universitário, além de haver uma previsível diminuição em viagens para congressos ou participações em bancas de defesa.

“Percebemos também, por consequência, uma seletividade maior entre as mães pesquisadoras. Elas passam a “filtrar” onde devem publicar, que convites ou solicitações aceitarão, a que eventos de fato devem ir, evitando ao máximo as ausências e deslocamentos justamente por conta de toda uma logística necessária para permanecer junto a família. Mas há algo aí que me chamou atenção: a experiência de ter sido mãe repercutiu positivamente na relação com as orientandas, gerando uma empatia maior, uma cumplicidade ou sororidade, traço que se reflete inclusive na qualidade

“NÃO PODEMOS NATURALIZAR ESSA SOBRECARGA DE CUIDADO, TRABALHO E AFETO HISTORICAMENTE ATRELADA À FIGURA FEMININA. ISSO PODE SER LIDO COMO UM TIPO DE VIOLÊNCIA PERPETRADA COM O TEMPO”

Jacqueline Sobreira, professora e pesquisadora

das pesquisas desenvolvidas”, detalha a coordenadora. Houve ainda um resultado aparentemente contraditório: se as pesquisas em geral vêm apontando que há uma queda, em curto ou médio prazo, na produção acadêmica quando se é mãe, as entrevistas locais têm apontado para o contrário, ou seja, a maioria das entrevistadas do Ceará e de outros estados garante ter mantido o padrão quantitativo e qualitativo de produção, seja porque antes de engravidarem estavam publicando em ritmo acelerado, seja porque seus grupos de pesquisas se prontificaram em ajudar, acumulando tarefas naquele período. “Há quem diga até que a produtividade é maior depois de ter filho. Que está mais organizada, com o raciocínio mais rápido. Pode acontecer. Mas novamente é importante que se contextualize e reitere: estamos tratando de mulheres com carreiras em pesquisa mais consolidadas e que têm muito apoio compartilhado na vivência da maternidade”, reforça Normanda.

Em suma, o que os dados trazem? Segundo a professora-orientadora, uma visão menos negativa acerca do impacto da maternidade sobre a produtividade científica. Mas também a importância de se levar esse debate para o nível das políticas públicas, envolvendo inclusive as gestões das instituições acadêmicas.

“Atualmente temos licença-maternidade no âmbito das universidades privadas, garantida por lei, de 4 meses. Mas sabemos que é pouco. Nas universidades públicas, por exemplo, são seis meses e é comum as pesquisadoras emendarem suas licenças com férias e algum outro direito, tudo para ficarem mais tempo voltadas especialmente para seus bebês. Nas privadas, isso também pode acontecer, mas é mais difícil. Então, temos essa luta política que está só começando e ainda não alcançou nem a própria licença-paternidade, que já deveria ser maior, levando em conta a participação essencial dos pais e a igual responsabilidade do casal sobre filhos e filhas”, ressalta a também mãe de um bebê de colo, João Gabriel.

Com a pesquisa em curso, a mestrande em Psicologia da Unifor, Jacqueline Sobreira, vem coletando dados desde 2018 e não à toa centrou foco em mães-pesquisadoras que estão com filhos de no máximo 4 anos de idade. “Desconho que se a maioria das entrevistadas ainda não sentiu a perda de produtividade em suas carreiras científicas é porque realmente todas elas, vindas de classes sociais remediadas, podem contar muito com seus maridos, família e babás contratadas. Em contrapartida, externalizam um extremo cansaço e contam

sobre agravos à saúde causados pelo estresse. Além disso, sofrem o impacto negativo do retorno abrupto às atividades acadêmicas, se deparando com a sobrecarga de um trabalho acumulado e com a saudade dos filhos justo na fase do aleitamento. Ouvi relatos inclusive de assédio: a mãe pesquisadora ainda na licença-maternidade sendo visitada pela coordenadora do programa ao qual estava vinculada só para trazer-lhe tarefas”, revela.

Para Jacqueline, sua pesquisa também vem bater de frente com a ideia muitas vezes alimentada pelo senso comum da “supermãe” ou da “supermulher” que acumula papéis e funções e é cobrada, muitas vezes até por mulheres, a dar conta de tudo. “Não podemos naturalizar essa sobrecarga de cuidado, trabalho e afeto historicamente atrelada à figura feminina. Isso também pode ser lido como um tipo de violência perpetrada com o tempo: violência simbólica que, quando aceita e reproduzida, também pode virar violência institucional e do Estado. Daí a importância de lutar por mais estímulos e proteção através das políticas públicas ou por meio de projetos encabeçados pelas próprias instituições acadêmicas, sobretudo as universidades, sejam elas públicas ou privadas”, reivindica a mestrande. **U**

MARINA DANTAS, DOCENTE DO PPC EM ADMINISTRAÇÃO (UNIFOR)

“Me tornei mãe em 2015 e, desde 2008, durante o mestrado, frequento os eventos da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração (Anpad). Sempre vi muitas crianças nesses eventos, porque a Anpad é a segunda maior associação do tipo no mundo. São mais de 4 mil congressistas reunidos todos os anos. Antes de ser mãe, achava um absurdo as crianças estarem ali, ainda sem muita noção de sororidade. Mas fui ao meu primeiro encontro em 2017 com meu filho que na época tinha 9 meses. Meu marido foi comigo, ele não apresentou trabalho então eu tive essa situação privilegiada de ter meu companheiro comigo cuidando do meu filho enquanto eu participava das atividades acadêmicas. Passei muito tempo transitando com meu filho no colo e as mulheres da academia muito solidárias vinham falar comigo e me contar suas experiências. Mas eram relatos terríveis, do tipo: eu paguei uma camareira do hotel para ficar com meu filho enquanto eu apresentava o trabalho; outra: deixei meu filho com minhas colegas e depois da sessão não sabia onde ele estava, porque elas saíram com ele pelo evento e não havia celular nem nada... Em 2018, o Enanpad aconteceu em um centro empresarial de São Paulo que não era hotel, ou seja, não era possível alojar a família no mesmo local do evento. Portanto, não havia a possibilidade de levar meu filho. Até informaram que próximo ao local do evento haviam vários Day Cares, portanto podíamos pagar e simplesmente deixar nossos filhos lá. E eu só fui porque paguei para minha mãe ir comigo. Eu podia fazer isso, me senti privilegiada. Mas quem não podia? E quem não tem como pagar? Foi quando decidimos enviar uma



carta a Anpad justamente para reivindicar a criação de espaços destinados ao convívio e à assistência de crianças nas próximas edições do evento. Era preciso falar das pessoas que precisam conciliar a atividade profissional com a vida familiar. E do desejo de participar do evento na companhia de nossas famílias. Os Enanpad, da forma como estão sendo desenhados, não se mostram sensíveis às questões de gênero, que, sistematicamente, afastam as mulheres da academia ou impedem que projetos de família possam seguir em paralelo a projetos de carreira. É preciso que saibam que muitas mulheres sequer submetem seus trabalhos científicos no período de inscrição dos eventos acadêmicos justamente porque não têm com quem deixar os seus filhos. E assim, quando o próprio evento não se preocupa em propiciar e divulgar com antecedência a existência de um espaço infantil para os filhos e filhas dos congressistas, ele está sendo excludente, para dizer o mínimo. Mas não vamos parar. É importante que a gente lute por construir essa cultura nas nossas comunidades acadêmicas”. 

“É PRECISO QUE SAIBAM QUE MUITAS MULHERES SEQUER SUBMETEM SEUS TRABALHOS CIENTÍFICOS NO PERÍODO DE INSCRIÇÃO DOS EVENTOS ACADÊMICOS JUSTAMENTE PORQUE NÃO TÊM COM QUEM DEIXAR SEUS FILHOS”

Marina Dantas, professora e pesquisadora do PPGD

EMANUELA CARVALHO CIPRIANO CHAVES, DOUTORANDA DO PPG EM DIREITO CONSTITUCIONAL DA UNIFOR, ATUALMENTE CURSANDO DOUTORADO-SANDUÍCHE EM NYC, EUA

“Apesar de fazer parte de uma instituição como a Unifor no Ceará, na qual as mulheres pesquisadoras marcam presença fortemente, esse ainda não é o retrato do Brasil. Faltam políticas públicas que estimulem a inserção igualitária em projetos de pesquisas. E para falarmos sobre financiamento e apoio de pesquisas atualmente no Brasil é essencial o olhar atento para a crise econômica e para o movimento de cortes no orçamento governamental que já tem afetado as principais agências de pesquisa no Brasil que tiveram redução de orçamento, o que exige a reflexão crítica dos agentes interessados para buscar mecanismos que permitam a manutenção e o avanço das pesquisas, mesmo diante dos desafios que só aumentam. Eu sou mulher, casada, mãe e muito família, tenho tido um suporte familiar lindo na minha trajetória acadêmica que inclui meus pais, irmãos, marido, filhos, sobrinhos e parentes próximos, que me dão total apoio, mas com certeza a maternidade exige momentos de cuidado e amor que devem ser vividos com tranquilidade, por isso, a licença-maternidade para bolsistas é essencial. As mulheres pesquisadoras vêm avançando na compreensão, divulgação e nas reivindicações relacionadas ao perfil da vida de uma pesquisadora mulher, que produz ciência e que não pode perder espaço competitivo devido a sua licença-maternidade. Assim, verificamos o avanço na reflexão crítica do quanto a maternidade e a paternidade podem influenciar na vida de um pesquisador, que tem vida além da pesquisa e que precisa vivê-la para produzir com felicidade. O Instituto Serrapilheira se insere como uma possibilidade a mais

de investimento em pesquisa, o que não substitui a necessidade de investimento público, que é imprescindível. Acredito que a possibilidade de investimento privado em pesquisa no Brasil chega em um momento de desafio e estimula a reflexão crítica sobre a liberdade do pesquisador, a produtividade com qualidade, a questão de gênero, a aposta em pesquisas inovadoras e ariscadas, entre outros temas que vêm sendo dialogados e que têm gerado um debate construtivo para o avanço e a inovação da pesquisa no Brasil. Quero deixar claro que o diálogo sobre os investimentos em pesquisa - privados e públicos - e os desafios enfrentados pelos pesquisadores geram um debate amplo, considerando a diversidade dos campos de atuação e um conjunto de fatores que merecem aprofundamento responsável. A pesquisa me faz entender o quanto podemos contribuir para que mudanças significativas e de benefícios mútuos ocorram na sociedade, assim torço para que o debate construtivo e os investimentos surjam para agregar e para avançarmos na perspectiva da valorização da Ciência”. 



“AS PESQUISADORAS VÊM AVANÇANDO NA COMPREENSÃO, DIVULGAÇÃO E NAS REIVINDICAÇÕES RELACIONADAS AO PERFIL DE UMA MULHER QUE PRODUZ CIÊNCIA E QUE NÃO PODE PERDER ESPAÇO COMPETITIVO DEVIDO A SUA LICENÇA-MATERNIDADE”

Emanuela Carvalho, pesquisadora

SORAIA FELIX, 44, MESTRANDA EM ADMINISTRAÇÃO (UNIFOR)

“Sou pesquisadora em formação. Retornei pra academia depois dos 40 anos de idade. Decidi que seria nessa fase da vida a minha volta à academia justamente porque já estaria estável financeiramente e com os filhos criados. Minha filha inclusive cursa Medicina na Unifor, enquanto eu curso o mestrado em Administração no mesmo campus, isso depois de ter feito Especialização em Gestão Empresarial na FGV. Fui mãe aos 25 anos e tive que adiar o sonho de voltar a estudar por conta da maternidade. Minha avó, que faleceu e pagou meus estudos enquanto pôde, sonhando que me tornasse professora, igual a ela, não teve tempo de ver esse meu retorno à universidade, mas é por ela também que eu vou seguir na carreira científica. Acho que seria importante também pensar em como estimular mulheres após os 40 anos a voltarem para a universidade e até para a docência. Muitas sonham em ser psicóloga, design, arquiteta, mas não acreditam mais ser possível, porque o tempo passou, e não se veem com 40, 50 anos estudando com garotos de 18. Mas a experiência vivida faz toda a diferença numa sala de aula, é um saber complementar ao acadêmico e essa troca enriquece ainda mais os processos de aprendizagem”. 



**“ACHO QUE SERIA IMPORTANTE TAMBÉM
PENSAR EM COMO ESTIMULAR MULHERES
APÓS OS 40 ANOS A VOLTAREM PARA A
UNIVERSIDADE E ATÉ PARA A DOCÊNCIA”**

Soraia Felix, pesquisadora em formação

REGIANE RODRIGUES DOS SANTOS

CONHECIMENTO CEARENSE QUE ATRAVESSA O ATLÂNTICO

MÉDICA VETERINÁRIA COM DOUTORADO EM REPRODUÇÃO ANIMAL NO BRASIL E EM BIOLOGIA DE CÉLULAS REPRODUTIVAS NA HOLANDA, REGIANE RODRIGUES DOS SANTOS FALA DE SEUS PROJETOS E PESQUISA FINANCIADOS PELA UNIÃO EUROPÉIA. MORANDO NA PEQUENA CIDADE HISTÓRICA HOLLANDSCHE RADING, ELA É FUNDADORA DA ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES E ESTUDANTES BRASILEIROS NA HOLANDA (APEB-NL), PAÍS ONDE RESIDE DESDE 2006.

TEXTO / EMANUEL FURTADO

FOTOS / ARES SOARES





Em um passeio por terras francesas, Regiane interrompeu o descanso para falar sobre a expansão do curso de Medicina Veterinária no Brasil, o processo construtivo de suas pesquisas na universidade e o ensino a distância. Para sentir o “cheiro” e matar saudades do Ceará, ela conta que ouviu o canção de Ednardo.

Qual a sua avaliação sobre a expansão dos cursos de Medicina Veterinária no Brasil?

Regiane Santos - Dependendo do ponto de vista, sou a favor ou contra. Sou a favor quando os cursos são criados para preencher lacunas. Por exemplo, se a aquicultura é um potencial econômico, precisamos de cursos que deem importância para essa área. O mercado pet precisa de profissionais com conhecimentos em tratamentos a nível celular, ou especializados em pets mais exóticos. Se as faculdades existentes não focam nessas áreas profissionais, outras virão para suprir essa necessidade e isso é saudável. Contudo, sabemos que nem sempre é assim. Muitas faculdades são criadas em série e sem um diferencial. Isso cria uma preocupação com uma crescente concorrência; não entre as instituições, mas entre profissionais. Na realidade, essa concorrência nem existe, pois um profissional mal formado não tem poder de barganha. E, sejamos honestos, o preço pelo preço de serviço não funciona em um mercado competitivo. A qualidade sempre vem como exigência. O ruim de tudo isso é dar a falsa ideia de que todos os veterinários estão sendo formados com o mesmo molde. Um profissional formado sem base sólida vai acabar tendo que procurar outra função ou

“UM PROFISSIONAL FORMADO SEM BASE SÓLIDA VAI ACABAR TENDO QUE PROCURAR OUTRA FUNÇÃO OU INVESTIR MAIS TEMPO E DINHEIRO PARA ATINGIR O MESMO NÍVEL DE UM COLEGA ORIUNDO DE UMA INSTITUIÇÃO ROBUSTA”



investir mais tempo e dinheiro para atingir o mesmo nível de um colega oriundo de uma instituição robusta.

Gostaria que você falasse sobre a importância do processo construtivo da pesquisa na universidade.

Posso dizer que tenho uma experiência marcante nesse aspecto. Quando entrei para o curso de Medicina Veterinária na Universidade Estadual do Ceará, eu só sabia o que eu não queria: trabalhar na parte clínica. O curso exigia muito e lembro que as disciplinas que requeriam memorização (Parasitologia e Anatomia, por exemplo) eram as mais problemáticas. Acabei reprovando nas duas disciplinas citadas. Eu geralmente respondia bem melhor às questões que exigiam soluções de problemas. Como nem sempre essas questões representavam 100% das avaliações, eu costumava ser uma aluna nota 7. Por volta do quarto semestre do curso, eu percebi que tinha interesse por pesquisa e fui procurar um professor orientador. Lembro que ele marcou uma entrevista e pediu meu histórico escolar. No dia da entrevista solicitei a possibilidade de estagiar, sem bolsa, no referido laboratório; eu seria voluntária. Para minha frustração, o professor informou que não investia em estudantes medíocres. Que minhas notas diziam muito sobre mim e ele não perdia tempo com pessoas sem talento. A situação foi tão constrangedora que ainda pedi desculpas pela

ousadia de marcar uma reunião com ele. Hoje em dia eu agiria de uma outra forma. Claro, estou madura, sei quem eu sou e conheço meus pontos fracos, mas também sei usar os fortes. Mas, que atitude você esperaria de uma menina que mal entrou na casa dos 20 anos, tendo seus sonhos destruídos de maneira tão humilhante?

Você acabou por se desencorajar e desistir...

Correto. Desistir e aceitar a própria mediocridade. Foi o que eu fiz. Mas, um ano depois eu estava cursando Fisiologia Animal e o professor da disciplina me convidou para estagiar no laboratório dele. Ele tinha acabado de voltar do doutorado na Bélgica. O mundo se abriu para mim. Estava fazendo Iniciação Científica com um orientador renomado (Dr. José Ricardo de Figueiredo) que estimulava os talentos que nem conhecíamos. Um ano antes achava que nunca seria capaz de colocar os pés em um laboratório de pesquisa, agora estava fazendo o que eu amava: Ciência! Fiz mestrado com o mesmo orientador e, durante o doutorado, fui estimulada a sair do país em um programa sanduíche. Ou seja, iniciamos o doutorado no Brasil, realizamos parte das atividades no exterior, e retornamos para finalizar. Foi assim que tive meu primeiro contato com a Universidade de Utrecht. Retornei ao Brasil para a defesa do doutorado e iniciei um pós-doutorado no mesmo laboratório. Realmente é mais confortável retornar para o mesmo grupo de pesquisa, pois acabamos formando uma família. O lado negativo é que os desafios são de uma certa forma menores. E foi durante esse período que recebi o convite da Universidade de Utrecht para retornar e fazer um segundo doutorado. Como sou movida a desafios, aceitei. Depois disso, aceitei o desafio de acrescentar mais

“A FORMA DE VER E CLASSIFICAR O ESTUDANTE NÃO PODE SER SUBJETIVA, MAS O PROCESSO CONSTRUTIVO NÃO SERÁ POSITIVO APENAS COM ALUNOS NOTA 10. A CRIATIVIDADE E UM OU OUTRO TALENTO ESPECÍFICO NÃO SÃO MEDIDOS NOS EXAMES CONVENCIONAIS”

uma área de pesquisa na minha carreira ao começar a trabalhar como pesquisadora em um outro departamento da Universidade de Utrecht. Foi então que trabalhei por sete anos com pesquisa direcionada à toxicologia da reprodução e nutrição, sempre com foco em suínos, aves e bovinos. Durante esse período, iniciei os estudos sobre os efeitos das micotoxinas e saúde intestinal, bem como na fertilidade desses animais, seja em colaboração com outras universidades (como Ghent, na Bélgica) ou com o setor industrial. Micotoxinas são toxinas produzidas por fungos e estão presentes tanto nos alimentos para consumo humano, como na ração animal. No Brasil ainda estuda-se muito as aflatoxinas, por serem encontradas no amendoim. Mas, existe um número bem maior de micotoxinas que podem causar danos à saúde humana (elas podem ser encontradas até na cerveja) ou diminuir a capacidade de produção animal. No momento, estudo aproximadamente 25 micotoxinas. Nesse intervalo, tornei-me professora colaboradora da Universidade Federal do Pará, onde ainda hoje tenho orientandos e co-orientandos que estudam aspectos reprodutivos de mamíferos e aves da Amazônia em risco de extinção, para o desenvolvimento de protocolos de conservação dessas espécies.

Para além da docência, onde a pesquisa a levou?

Depois desse período, senti a necessidade de ouvir os sons vindos de fora (dos produtores, dos veterinários e nutricionistas, e das fábricas de ração) para definir minha própria identidade. Foi quando em 2015 comecei a trabalhar em um instituto privado de pesquisa em nutrição animal: Schothorst Feed Research. Esse instituto faz pesquisa independente para empresas ou clientes fixos, em colaboração

com universidades ou em projetos de inovação para desenvolvimento de modelos experimentais. Foi a partir desse período que iniciei meu contato mais próximo com a extensão sem me desligar da pesquisa fundamental. As ideias fluem bem mais quando temos o contato com diferentes setores de produção. No momento, sou a responsável pelas pesquisas em micotoxinas, estou envolvida em projetos financiados pela União Europeia e sou responsável pela maior parte dos projetos de inovação. Como disse, as micotoxinas são produzidas por fungos, desde o campo até o período de estocagem de grãos e cereais em reação a situações de estresse. Com as mudanças climáticas, eventos extremos aumentam o estresse e a contaminação tem crescido. Tenho contato com produtores do mundo inteiro, pois preciso adquirir grãos específicos com determinada micotoxina. Se há dois anos era complicado, agora encontro com facilidade, e os níveis ficam próximos ao limite da legislação daqui. Pelo fato dessas toxinas possuírem atividades específicas, desenvolvo modelos experimentais tanto em animais como in vitro. Esses modelos entram então na lista de serviços oferecidos pelo instituto de pesquisa. Por exemplo, zearalenona é uma micotoxina que tem o mesmo efeito do hormônio feminino, já o deoxinivalenol causa danos na barreira intestinal. Sabendo a dosagem correta na ração para evitar mortalidade ou desconforto animal é possível testar componentes que melhorem a produção, bem como a capacidade desses animais de debelar o efeito das toxinas. Formamos também uma base própria de conhecimento, onde parte é publicada em jornais científicos e a outra fica restrita aos cursos oferecidos anualmente. Com relação ao processo construtivo da pesquisa na universidade, esse período vai definir

“NÃO DEVEMOS FORMAR CONHECEDORES EM ASSUNTOS. DEVEMOS FORMAR PESSOAS CAPAZES DE RACIOCINAR E DE AGIR LEVANDO EM CONTA A SOCIEDADE EM VOLTA”

o resto da vida profissional do pesquisador. A universidade é formada por pessoas e isso significa que temos os riscos de encontrar professores sem ou com visão, como foi meu caso. A forma de ver e classificar o estudante não pode ser subjetiva, mas o processo construtivo não será positivo apenas com alunos nota 10. A criatividade e um ou outro talento específico não são medidos nos exames convencionais. E esses dois fatores influenciam e muito a pesquisa em uma universidade.

E como foi a construção das suas pesquisas enquanto “aluna?”

Houve uma desconstrução (desnecessária e prejudicial) para então iniciar a construção. Essa construção continua depois que deixamos de ser alunos. E o sucesso depende da capacidade de aceitar e procurar por desafios e, finalmente, criar sua identidade como pesquisadora; demarcar seu território

(área de pesquisa) mesmo.

Você é fundadora e presidenta da Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na Holanda. Como é desenvolvido esse trabalho e de que forma essa instituição tem contribuído para facilitar o desenvolvimento acadêmico desses estudantes? Existem alunos da Unifor que estão atrelados à associação?

No dia primeiro de janeiro de 2014 eu me dei de presente esse novo desafio: favorecer o network entre os pesquisadores brasileiros que estavam na Holanda. Sempre ouvia falar de um ou outro pesquisador ou conhecia alguém por coincidência, e resolvi que esses encontros casuais poderiam ter um significado maior. Além disso, queria transformar o *brain drain* em *brain gain* para o Brasil. Mesmo de longe podemos fazer muito! Acredite. Descobri que havia uma associação assim na Inglaterra e outra na França. Contactei os presidentes para entender como as APEBs funcionavam e descobri que havia mais duas na Europa (Portugal e Espanha). Convidei uma colega brasileira que realizava pesquisas em Utrecht e fomos juntas ao cartório registrar a associação. Depois disso, fui ao primeiro encontro da APEB da França e aproveitei o momento para oficializar a Rede APEB que reúne todas as APEBs, e para anunciar que em 2015 a APEB-NL organizaria um congresso europeu de pesquisadores e estudantes brasileiros na Holanda. O evento foi um sucesso. Na época lançamos um guia para os estudantes que aqui chegam e firmamos parceria com a Euraxess. O guia foi lançado em conjunto com a Embaixada Brasileira em Haia e o Nuffic. Esse ano, realizamos mais um congresso, parte patrocinado pela Euraxess, e iniciamos uma parceria com o grupo Latitud para renovar o Guia e lançar uma

“O SUCESSO DEPENDE DA CAPACIDADE DE ACEITAR E PROCURAR POR DESAFIOS E, FINALMENTE, CRIAR SUA IDENTIDADE COMO PESQUISADORA; DEMARCAR SEU TERRITÓRIO (ÁREA DE PESQUISA) MESMO”

versão em espanhol para os demais estudantes e pesquisadores que vêm da América Latina. Para minha felicidade, a presidência (bem como toda a diretoria) foi renovada por um grupo de pesquisadores jovens e com muita disposição. Como definido no estatuto, continuo como Conselheira da APEB-NL e a atual presidente (Clarissa Justino) tem trazido ações inovadoras para a APEB-NL. Por exemplo, nesse momento nos dedicamos a fortalecer, ainda mais, a colaboração entre pesquisadores brasileiros residentes no exterior e pesquisadores residentes no Brasil. Planejamos para o segundo semestre um evento no qual discutiremos essa colaboração e também estamos organizando uma rede de apoio para pesquisadores brasileiros que residem no Brasil e pretendem participar de eventos científicos (congressos, feiras de ciência, olimpíadas...) na Holanda. Essa rede de apoio também inclui levar um pesquisador para visitar uma universidade holandesa ou recepcioná-lo, além de oferecer informações sobre processos de candidaturas para PhD ou pós-doc em universidades holandesas, dentre outras. O link da página APEB-NL é <https://apebnl.com/>. Também podemos ser contatados via redes sociais. Ainda não temos estudantes da Unifor registrados em nossa associação, mas todos são mais que

bem-vindos. Inclusive temos representantes da APEB-NL no Brasil.

Nesse último vestibular da Unifor, os textos que serviram de base para a redação dos alunos que prestaram o concurso abordaram a questão do ensino a distância. Qual a sua avaliação sobre o assunto? Na área de saúde, como a Medicina Veterinária, é possível o ensino a distância? É possível garantir formação de qualidade com aulas online em que atividades práticas são essenciais?

Excetuando-se cursos de curta-duração (3 meses), webinars ou outras atividades extra-curriculares, nenhum curso superior deveria ser realizado a distância. Claro que lembramos de imediato das aulas práticas que não poderão ser realizadas de forma correta com um aplicativo online. Mas, o risco é muito maior que esse. Nós vivemos em sociedade e, espero, ainda teremos que fazer contatos, solucionar problemas e discutir soluções em sociedade. Mesmo um curso sem obrigação de aulas práticas será prejudicado, se oferecido de forma online. O momento das discussões não apenas entre aluno e professor, mas também entre alunos, é o momento mais rico para a formação de um profissional. Não devemos formar conhecedores em assuntos. Devemos formar pessoas capazes

de raciocinar e de agir levando em conta a sociedade em volta. Além disso é essa interação que ajudará o profissional a desenvolver sua capacidade crítica, escutar outras ideias, concordar, discordar, hipotetizar, e, por fim, aprender a solucionar desafios da melhor maneira. A Holanda é quinto país mais inovador do mundo e a economia gira em torno do conhecimento produzido. Não é possível cursar um bacharelado online. A Universidade de Utrecht apenas oferece cursos extra-curriculares de no máximo 12 semanas. Os estudantes são treinados a realizar *brainstorms* com os colegas desde a educação básica e isso é rotina na universidade. Por exemplo, o neuropsicólogo Nicholas Humphrey comparou chimpanzés com humanos. Os primeiros têm uma grande capacidade de observação e memorização, mas são inaptos para atuar em relações interpessoais como os últimos. De uma forma mais direta, o pesquisador em educação Dr. Raymond H. Hartjen demonstrou que a inteligência é estimulada pelas interações sociais (inteligência social). Em outras palavras, uma classe que é ensinada nos métodos tradicionais, onde os estudantes são receptores de informação, não irá permitir a interação social e castrará talentos. O sistema online só exacerba esse problema. **U**

FREUD EXPLICA? DIGA LÁ, UNIVERSIDADE!

COMO O CENTENÁRIO DE UM TEXTO FREUDIANO VOLTA A SER DEBATIDO EM ÂMBITO ACADÊMICO COLOCANDO JUSTAMENTE O ENSINO DA PSICANÁLISE NO DIVÃ.

Pai da Psicanálise, o austríaco Sigmund Freud permanece vivo com sua obra, que continua a ser estudada e refletida em grupos de estudos, cursos, debates, simpósios, colóquios, seminários e em sala de aula. Esse ano, seu texto “Deve-se Ensinar Psicanálise nas Universidades?” ou “Sobre o Ensino da Psicanálise nas Universidades”, dependendo da tradução, completou 100 anos e provocou novas inquietações. Na Unifor, o simpósio “100 anos do ensino da psicanálise nas universidades”, encontro abre-alas que transformou maio no “Mês da Psicanálise”, trouxe consigo a complexidade do desafio de ler e reler criticamente, e em meio às sensibilidades de cada contexto histórico e social, as ideias de um dos maiores pensadores do século XX.

No texto centenário, Freud, que é médico neurologista, avalia que a inclusão da Psicanálise no currículo acadêmico seria um motivo de satisfação para um Psicanalista. “Mas, ao mesmo tempo, é evidente que ele pode prescindir à universidade, sem



Juçara Mapurunga: mesmo após 100 anos, continua vivo o rigor freudiano segundo o qual a ciência precisa caminhar ao lado do humano

prejuízo para sua formação. Pois o que ele necessita teoricamente pode ser obtido na literatura especializada e aprofundado nas reuniões científicas das sociedades psicanalistas, assim como na troca de ideias com os membros mais experientes. Quanto à experiência prática, além do que aprende na análise pessoal ele adquire ao tratar pacientes, sob aconselhamento e supervisão de colegas mais reconhecidos”, diz Freud no artigo.

Segundo Freud, a existência de uma “tal” organização, se deve justamente ao fato de a psicanálise estar excluída das universidades e ela continuará a exercer uma função definitiva enquanto mantiver essa exclusão. Ele avalia ainda que a questão depende de as universidades decidirem se estão dispostas a atribuir algum valor à psicanálise na formação de médicos e cientistas. “Caso afirmativo, a questão seguinte será onde e de que forma ela dever ser incluída no currículo acadêmico”.

Freud diz que as universidades só teriam a ganhar com a inclusão do ensino da psicanálise em seu currículo. “É verdade que esse ensino somente poderia ser ministrado de forma dogmática, em aulas teóricas, pois quase não haveria oportunidade para experimentos ou demonstrações práticas”. Ainda segundo ele, para a pesquisa que o professor de psicanálise deveria realizar “bastaria ele ter acesso a um ambulatório para pacientes ‘neuróticos’, e, quanto à psiquiatria psicanalítica, um serviço de internação também deveria estar disponível”.

Para a professora do curso de Psicologia da Unifor, Sabrina Matos, Freud inaugura um campo novo e reflexivo com a invenção da psicanálise, onde faz uma leitura do inconsciente e vai conceitua-la, estabelecer métodos e técnicas. “A partir desse ponto, ele rompe com toda essa perspectiva do racionalismo, do pragmatismo, de um

É INEGÁVEL QUE O ENSINO DA PSICANÁLISE POSSIBILITA AO ALUNO O CONHECIMENTO DE UM CAMPO MAIS VASTO E HETEROGÊNEO”

Sabrina Matos,

Psicóloga e professora da Unifor

modelo linear não só do sofrimento, como da cultura, da sociedade, da violência. Ele inaugura uma via radicalmente oposta a que existia desde então. Ele vai dizer que nós somos sujeitos inscritos numa falta, no desamparo, numa incompletude. Fala que nós não somos, segundo uma citação, ‘reis da nossa própria morada’.”

Sabrina destaca que apesar de pequeno, o texto é extremamente importante, emblemático e rico, porque ele vai traçar qual a importância da psicanálise e o que ganha a universidade com a possibilidade de estudá-la. “Não só o curso de Psicologia, mas os mais diversos. Freud é estudado pela Sociologia, pela Educação, pelo Direito, pela Medicina, Antropologia. Diversos campos vão se utilizar dos textos do Freud para tentar compreender o homem, a violência que está aí. Então, ele vai falar da importância desse estudo na universidade. Não que na universidade o aluno esteja fazendo formação para ser psicanalista. A via para o sujeito fazer uma formação psicanalista não é a academia, muito embora na academia ele tenha a possibilidade de conhecer a teoria, de conhecer as técnicas, os métodos”, adverte.

A professora também chama atenção ao dizer que, no texto, Freud coloca em cheque se é possível ensinar Psicanálise na Universidade. “Em um encontro que realizamos, nós debatemos se um século depois as universidades resistem à psicanálise, no sentido da psicanálise romper com a própria ideia da cientificidade, dessa ciência da causa, de efeito, dessa ciência cartesiana. Porque a psicanálise vai inaugurar outra via, ela desconstrói, no sentido de apontar outra possibilidade para esse sujeito, para a inscrição desse sujeito na cultura, na vida, na sociedade”, reflete.

De acordo com ela, no texto, Freud também analisa sobre quais seriam os



Alunos e professores que participaram do simpósio sobre os 100 anos do ensino da psicanálise nas universidades

ganhos e se há alguma perda da psicanálise ser inserida na universidade. “Ele se questiona sobre isso, já apontando algumas possibilidades de resposta, deixando claro que, no processo de formação, o sujeito vai operar - tanto na escola inglesa como na francesa de psicanálise - com a análise pessoal, os estudos teóricos e a supervisão. É inegável que o ensino da psicanálise possibilita ao aluno o conhecimento desse campo mais vasto e heterogêneo”.

Juçara Mapurunga, também professora do curso de Psicologia da Unifor, aponta que, ao longo do texto “Deve-se ensinar psicanálise nas

universidades?”, Freud considera que essa articulação é possível e cheia de ganhos. “Do ponto de vista da psicanálise, a universidade é um meio de transmissão da teoria psicanalista e também da própria experiência psicanalítica, levando em conta o tratamento analítico por meio do atendimento embora esse serviço não existisse há 100 anos”.

A partir da leitura de Freud, Mapurunga ainda ressalta: não se forma psicanalistas na universidade, mas no percurso de sua própria análise, nas trocas teóricas institucionais e nas supervisões. Quanto ao que tem a ganhar o mundo acadêmico com a

psicanálise, ela não titubeia em reiterar: “mesmo após 100 anos, continua vivo o rigor do pensamento freudiano, que afirma que a ciência precisa caminhar ao lado do humano. Assim, os fatores psíquicos intrínsecos à constituição do ser humano são elucidados pelo velho mestre de Viena e seus seguidores, tornando imprescindível a psicanálise na formação daqueles que pretendem estabelecer um vínculo transferencial com aqueles que cuidam ou que se interessam pelos problemas humanos gerais, entendendo mais profundamente como serem melhores em sua profissão”. **U**

O CRIADOR EM DEBATE

Desde quando Freud é respeitado no mundo acadêmico? A professora Sabrina Matos avalia que ele começou a ser respeitado nesse meio quando pontuadas suas publicações consideradas mais emblemáticas, como “A Interpretação dos Sonhos”, de 1900. “Mas a veia de cientista dele sempre existiu”. Ela o considera provocador, cuja obra incomoda e é muito questionada desde sempre.

E exemplifica: “Quando ele falou da sexualidade e quando disse que a criança a possui, foi detonado pela inteligência da época dele, pelos homens da ciência. Então ele vem dizer que a sexualidade não é genitalidade, quando na época dele só poderia tê-la o adolescente que

já tinha capacidade de engravidar, de reproduzir. Freud vem desbancar essa ideia, daí a radicalidade. Sexualidade tem a ver com prazer. Aí tem lá o bebê mamando no peito da mãe, onde aquilo implica no prazer da mucosa oral”.

Sabrina destaca que, por conta da importância da obra do Freud, em abril deste ano foi realizado o simpósio “100 anos do ensino da psicanálise nas universidades”. Segundo ela, a ideia do evento foi convocar os alunos e professores para homenagear e tazer à tona alguns de seus textos mais emblemáticos. “Tivemos uma quantidade imensa de pessoas, o auditório da biblioteca estava lotado todos os dias”. A professora Juçara Mapurunga detalha: “contou com a presença maciça dos estudantes da graduação e pós-graduação do curso de Psicologia e de outros cursos do CCS e avançando com eventos do PPG Psicologia, como o Coletivo Amarrações e Psicanálise e Educação”. **U**

CURIOSIDADE

Filho de família judaica e nascido em 1856, Sigmund Schlomo Freud vem de terras pertencentes, à época, ao Império Austríaco. Hoje a cidade de Freiberg in Mähren passou a ser chamada Pribor e faz parte da República Tcheca.

O QUE PODE UM CURADOR?



TEXTO / ETHEL DE PAULA — FOTO / ARES SOARES

ZELO. ATENÇÃO. APREÇO. O TERMO CURADORIA VEM DO LATIM “CURATOR” E DIZ SOBRE “AQUELE QUE ADMINISTRA”, “TEM CUIDADO”. SIMPLES ASSIM ATÉ OS VENTOS DA MODERNIDADE SOPRAREM SOBRE ELE E INFLÁ-LO, CONFERINDO-LHE PRESTÍGIO SOCIAL. PORTANTO, CURADOR É ALGUÉM ENVOLTO EM RELAÇÕES DE PODER E SABER ABERTAS E COMPLEXAS O BASTANTE PARA CONCEBER, ORGANIZAR, SELECIONAR, MEDIAR, EXECUTAR E LEGITIMAR PROJETOS LABORAIS OU PROCESSOS CRIATIVOS, ABRAÇANDO DESDE O CAMPO ARTÍSTICO-CULTURAL ATÉ AS PERSPECTIVAS COMERCIAIS.

Vale a comparação com um *metteur en scène* ou maestro, alguém que realiza uma “obra” sobre e a partir da arte – como uma ópera, peça teatral ou concerto. Para a curadora Regina Teixeira de Barros, fazer curadoria em arte é como reger uma orquestra, algo que vai além da organização, montagem e supervisão de uma exposição de obras artísticas, exigindo em paralelo a intermediação de um diálogo sensível entre o artista, o espectador, a crítica de arte e o mercado consumidor.

Trata-se ainda de um trabalho quase arqueológico de descobrimento, seleção e fruição das obras de arte, onde a ordem é pensar e propor conexões imprevistas entre elas, problematizando os conceitos em pauta a partir do cruzamento de diferentes contextos históricos. “O olhar pode vagar de uma pintura a outra, instalada na parede oposta ou entrevista na sala seguinte. De uma única obra, podem-se desdobrar múltiplas narrativas, que se entrecruzam, se espelham, se confundem ou se confrontam à medida que o olhar avança, retrocede, salta ou recomeça”, ressalta a curadora da exposição Arte Moderna na Coleção da Fundação Edson Queiroz, em cartaz no Espaço Cultural da Unifor até o dia 11 de agosto de 2019.

Regina Teixeira de Barros tem graduação em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), mestrado em História da Arte e atualmente cursa o doutorado, também em História da Arte, na mesma instituição. Por 15 anos, esteve à frente da curadoria da Pinacoteca de São Paulo, já participou de importantes edições da Bienal de São Paulo e começou a se especializar em curadoria ainda na década de 1980, quando esse termo nem existia de fato e de direito no Brasil. Hoje, como curadora independente, diz que não sabe conceber e montar uma exposição sem olhar criticamente para o que



“SÓ A LEITURA INCANSÁVEL E DENSA ME PERMITE VER SE AS OBRAS DIZEM MESMO AQUILO QUE LI NOS LIVROS DE HISTÓRIA DA ARTE OU ESPECIALIZADOS.”

Regina Teixeira de Barros, Curadora da exposição Arte Moderna na Coleção da Fundação Edson Queiroz

foi feito antes, ou seja, para o passado que reverbera sobre o presente.

Com experiência em curadoria pública e privada, notadamente entre galerias de arte, museus e fundações, está sempre em busca do mesmo: extrair das obras, coleções e acervos possibilidades de narrativas que cheguem ao maior número de espectadores possível. “Cada exposição é uma história que você conta através das obras”, sustenta.

Sem teses fechadas ou fórmulas certeiras. Entre o público e o privado, ela ressalta, há diferentes possibilidades de curadoria. “Quando se é curador de uma instituição, você está amarrado, no bom e no mal sentido, a uma coleção específica. Na Pinacoteca, por exemplo, sempre que eu pensava uma exposição era a partir daquela coleção. Outro tipo de curadoria é a independente, onde você não está vinculado a uma instituição única. Mas na verdade

“ENTÃO, HÁ UM LEQUE DE OPÇÕES QUE HÁ 30 ANOS NÃO EXISTIA PARA INGRESSAR NO CAMPO DA CURADORIA DE ARTE”

Regina Teixeira de Barros, Curadora da exposição Arte Moderna na Coleção da Fundação Edson Queiroz

eu digo que o curador independente é o curador mais dependente do mundo, porque ele depende de todo mundo: dos empréstimos, dos colecionadores, dos *marchands*, da boa vontade dos próprios artistas... Tudo isso para tornar clara e fazer valer uma ideia conceitual da exposição através de obras. Ou seja, as obras é que vão dizer se a minha ideia é factível, pertinente ou não”, sublinha.

Mas quem ou o que guia um curador, já que a profissão não exige um canudo específico? Para Regina, ainda que a profissão acabe por abraçar múltiplas competências, podendo ser exercida tanto por um historiador quanto por um arquiteto, artista, crítico ou jornalista, o curador é, sobretudo, um teórico com trabalho reconhecido de reflexão sobre a arte. Daí a importância de uma vasta bibliografia quando se vai montar uma exposição. Ou seja, é imperativo ler tudo o que foi escrito sobre determinado artista. Para só depois “escavar” as obras. “Só a leitura incansável e densa me permite ver se as obras dizem mesmo aquilo que li nos livros de história da arte ou especializados. Essa intimidade com a literatura e com as obras é que vai me dizer o que eu acho de determinado artista”, pontua.

Cabe ao curador, ainda, o toque de Midas. Mas somente quando devidamente reconhecido por sua competência é que ele poderá dar legitimidade crítica e institucional aos artistas, não

só consagrando novos talentos como salvando do esquecimento nomes soterrados pelo mercado das artes em determinados contextos. Para tamanho poder, no entanto, há de se mover montanhas a cada exposição concebida. “É um trabalho de regência, sem dúvida, porque primeiro há as diferentes instituições com as quais você vai lidar para tentar o empréstimo das obras. E daí parte para mobilizar uma rede, onde *marchands* e galeristas são fundamentais, porque eles que sabem onde estão essas obras. Portanto, o tempo todo trabalhamos com os planos A, B, C e D, porque tem gente que senta em cima das obras e não empresta. E aí haja jogo de cintura, paciência, maturidade”, revela a curadora.

Um quebra-cabeças que vai além, já que curadoria também é, em essência, um trabalho colaborativo. Da produção ao financeiro. “Nada se faz sem cálculo e sem consulta. Tem que ver se é possível, dentro do orçamento, transportar as obras, pagar seguro, garantir um espaço físico em condições ideais... Esse dado, aliás, é muito real. Como vamos equipar o espaço físico? Como vamos criar um percurso? O percurso vai ser livre? Temos um desenho na exposição com começo, meio e fim? Nós vamos ter cores na exposição? Vamos querer sinalizar algo? Tudo isso são decisões que você não toma sozinho. É a partir das sugestões do arquiteto, por exemplo,

que é possível pensar em como resolver espacialmente a exposição. Mas, ao final, quem decide é você”, destaca Regina.

Em curadoria, se o sucesso mora nos detalhes, perguntas sucedem-se: “Como se monta uma exposição? Sempre foi assim? Então, como é que se montava antes? O que foi acontecendo? Como é que você ilumina uma exposição? Como transportar e garantir a conservação das obras? Como conhecer e vencer a burocracia para importação ou exportação temporária de obras? Como se trabalhar junto a crianças e com o educativo? Onde acessar e como concorrer em editais de fomento?”.

Entre tantos pormenores, Regina vislumbra o dia em que haverá uma formação superior em curadoria no Brasil. Enquanto espera, tem cancha para avaliar o ensino das artes. “Por um lado, avançou muito, porque hoje temos vários cursos de pós-graduação em História da Arte, alguns inclusive de graduação, contemplando produção de exposições, gestão de museus, gestão em geral voltada para a área da cultura. Então, existe um leque que há 30 anos não existia de opções para ingressar nesse campo. Por outro lado, estou sempre querendo mais História da Arte na graduação. E cursos de curadoria, claro, sobretudo em instituições que têm acervo, como é o caso da Unifor”, conclui. 



SERVIÇO

Exposição: Arte Moderna na Coleção da Fundação Edson Queiroz / Período expositivo: 22 de março a 11 de agosto de 2019
Horário de visitação: de terça a sexta: 9h às 19h – Sábados e domingos: 10h às 18h

Praça do Ferreira: na região central de Fortaleza, pulsa o trabalho dos curadores à frente do Cineteatro São Luiz



CURADORIA COMO GESTO CRÍTICO

O embasamento teórico fez toda a diferença. Foram quatro anos de Filosofia e Sociologia da Arte, sedimentando a base conceitual de um fazer artístico comum à quase maioria absoluta de matriculados na primeira turma de bacharelado em artes visuais da extinta Faculdade Gama Filho. A curadora, pesquisadora e funcionária de carreira do Banco do Nordeste, Jacqueline Medeiros, estava lá. Não era artista, não sonhava em se tornar, mas seu interesse sem cálculo ou finalidade pelas artes não só a levou de volta

ao ambiente acadêmico como resultou no aprofundamento de leituras afins e no mais que instigante e bem-vindo convívio com a comunidade artística local.

Foi a partir dessa experiência, hoje ela reconhece, que sua livre formação em artes ganhou musculatura para ir além: passou a aproveitar as viagens de trabalho para conhecer museus e investir em literatura especializada; propôs e conseguiu criar no Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBN) uma célula específica voltada às artes vi-

suais, por ela coordenada; estreitou ainda mais os laços com os artistas emergentes e já consagrados do Ceará e do Nordeste; passou a ensaiar uma curadoria compartilhada para o espaço, onde classe artística e academia tinham voz; e assim contribuiu fundamentalmente para o fomento da produção artística contemporânea local, garantindo infraestrutura e logística mínimas para a geração que despontava nos anos 2000 pensar e realizar suas primeiras exposições.

Imersão e entrega que duraram nada menos do que 15 anos e a fizeram encarar paralelamente o mestrado e o doutorado em História e Crítica da Arte na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). “Ali foi a virada de chave, porque a visão da UERJ é muito contemporânea, então conheci jovens curadores que começavam a validar as curadorias por temas ou assuntos, não

importando a técnica, e também passei a conhecer mais de perto artistas de todas as procedências e estilos, absorvendo seus processos criativos e a turbulência de valores que emana daí. Isso foi e continua sendo de fundamental importância para o trabalho de um curador”, avalia.

Para Jacqueline, ter uma escuta ativa junto à comunidade artística e exercitar a escrita de natureza crítica para a apresentação de exposições funcionaram como injeções de ânimo e confiança para que ela se assumisse como curadora profissional. “Até hoje ainda tenho certo incômodo com o nome, porque diz de um suposto poder que eu não gosto, que é o de inserir o artista no sistema das artes. Por que uns e não outros? Que tribunal é esse que julga para consagrar ou negar certos procedimentos artísticos? É claro que estamos todos à mercê dos interesses do mercado e que toda inclusão gera exclusão, mas é preciso pelo menos fazer uma crítica a isso”, considera.

Em meio a uma formação livre, Jacqueline preferiu seguir devagar, degrau por degrau, até começar a ser convidada a integrar júris de editais lançados pelo Ministério da Cultura (MinC) e Funarte, para depois tomar-se a representante das artes visuais na elaboração do Plano Nacional de Cultura, ainda durante a gestão de Juca Ferreira. “Eu era a única de fora do eixo Rio-São Paulo. Então essa experiência me trouxe muito reconhecimento e aprendizado, além de gerar conexões, já que eu tinha que estabelecer redes para dialogar com toda a cadeia nacional das artes: galerias, museus, feiras, além dos próprios artistas”, recorda.

Do público para o privado.

Vivida a experiência de mapear, organizar e problematizar o sistema das artes no Brasil, a curadora passou a assinar como tal. Hoje, é uma das que dá forma e conteúdo às exposições levadas ao espaço multifuncional da *Sem-Título*, entendendo a concepção do espaço expositivo e o olhar sobre as obras que deságuam ali como um gesto crítico

“ATÉ HOJE AINDA TENHO CERTO INCÔMODO COM O NOME (CURADOR), PORQUE DIZ DE UM SUPOSTO PODER QUE EU NÃO GOSTO, QUE É O DE INSERIR O ARTISTA NO SISTEMA DAS ARTES. POR QUE UNS E NÃO OUTROS?”

Jacqueline Medeiros,
Curadora e pesquisadora



e político. “Minha forma de atuação em curadoria é apresentar a ideia do artista da melhor forma para ele e o público. Não se trata de privilegiar a minha. E sim de me deixar atravessar pela dele. Se eu não estiver muito próxima do artista desde momento em que a gente agenda a exposição o trabalho não acontece. Penso todos os dias no artista, nas questões formais e conceituais que a obra propõe e que precisam impactar no contexto local, nacional e internacional também”, aferra.

Acusada de subjetiva, a curadoria exige transparência. Para Jacqueline, ela é tomada de posição, assim como toda arte ou aventura criativa. Até porque, da mesma forma que o artista, ela enfatiza, o curador tem seus temas preferidos, sua subjetividade individual, seus recortes temporais, suas idiossincrasias. Mas há uma exigência comum da qual todos e todas não podem se desviar: curador precisa estudar de forma ininterrupta, mesmo que não seja formalmente. “É preciso desenvolver um projeto de pesquisa contínuo que dialogue com a história da arte à luz de um pensamento crítico, a fim de atualizá-la. No meu caso, olho especialmente para a arte contemporânea e para artistas que olham nos olhos do nosso tempo”, adianta.

Para a curadora da *Sem-Título*, Fortaleza já dá sinais de que há um mercado em expansão apto a acolher futuros curadores, embora enxergue como perda a extinção da graduação em artes visuais da qual ela procedeu – somente duas turmas chegaram a se formar - e considere essencial a formação acadêmica que ainda não se consolidou em âmbito local. Mas, ressalta, existem novos e arrojados museus abrindo as portas, como é o caso do Museu da Fotografia, e fervilhantes galerias recém-criadas, como a própria *Sem-Título*, além de acervos públicos e particulares riquíssimos em todo o estado a serem rastreados, organizados e explorados.

“É preciso quem se debruce sobre todos os componentes dessa cena artística, sabendo que o trabalho de curadoria é longo



“NOSSO RETORNO MAIOR E MAIS COBIÇADO TEM VALOR SIMBÓLICO E INESTIMÁVEL: É QUANDO UM ARTISTA PODE CONTAR, ENFIM, COM UMA EXPOSIÇÃO DIGNA E FIEL AO SEU PENSAMENTO, GANHANDO VISIBILIDADE E DESPONTANDO JUNTO À CRÍTICA E AO PÚBLICO ESPECTADOR ESPECIALIZADOS.”

Jacqueline Medeiros, Curadora e pesquisadora

e metucioso, além de não ser, via de regra, tão bem cotado em termos monetários, ao contrário do que pode imaginar o senso comum. Nunca vi nenhum curador rico. Nosso retorno maior e mais cobiçado tem valor simbólico e inestimável: é quando um artista pode contar, enfim, com uma exposição digna e fiel ao seu pensamento, ganhando visibilidade e despontando junto à crítica e ao público espectador”, conclui.

Cineteatro São Luiz: curadoria plural e compartilhada

Cinema. Artes Cênicas. Música. Quando, a partir de 2015, o cineteatro São Luiz, equipamento gerido pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, passou a abrigar em sua grade de programação não só a sétima-arte, mas todas as demais linguagens artísticas, juntas e misturadas, foi preciso investir tempo e pensamento sensível em torno da ideia de uma curadoria plural e democrática, capaz inclusive de fazer dialogar todos esses segmentos com a política cultural em curso, atraindo platéias com diversos interesses e das mais diferentes procedências.

Tudo porque agora se tratava de um equipamento público - e não mais privado -, já que, ainda em 2014, o Governo do Estado havia comprado e investido alto na recuperação e restauração daquela verdadeira jóia arquitetônica até então explorada pelo Grupo Severiano Ribeiro, mas já tombada, desde 1991, como patrimônio histórico e cultural do Ceará. Tinindo de novo e reequipado com o que há de mais arrojado em termos técnicos, o “bombado” cineteatro e seu maquinário de última geração precisavam, no entanto, saltarem aos olhos e passar pelo crivo intergeracional de boa parte dos cearenses que paulatinamente vinha abandonando o saudável hábito de ir ao Centro da cidade, seja por conta de uma suposta insegurança captada no ar ou pelo flagrante enfraquecimento de investimentos na potencial vocação cultural e artística daquele pedaço fundador do imaginário coletivo.

Foi quando uma superpoderosa tria-

“COMO CURADORES, TEMOS O DESAFIO DE VINCULAR AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS ENTRE SI NA GRADE DE PROGRAMAÇÃO GERAL. OU SEJA, SEMPRE QUE POSSÍVEL, A ORDEM É MISTURAR CINEMA, TEATRO, MÚSICA A CADA MÊS.”

José Alves Netto, coordenador geral do Cineteatro São Luiz



de de curadores foi convocada a trabalhar junto à diretora do equipamento, Rachel Gadelha. Cada um ajudando a pensar a partir de sua área de atuação específica: Duarte Dias, curador e programador do cinema; José Alves Netto, coordenador geral particularmente voltado às artes cênicas; e Nefertith Andrade, produtora cultural com maior inserção na área da música.

Com o desafio de atrair de volta para o São Luiz cinéfilos de carteirinha, *habitués* de programações culturais e, sobretudo, um público potencial de crianças e adultos que nunca ou pouco havia experimentado o prazer de entrar numa sala escura ou mesmo em um teatro, Duarte Dias colocou à prova sua formação autônoma como artista independente e curador do Festfilmes – Festival Audiovisual Lusoafrobrasileiro, produzido desde 2012, além de fazer valer a experiência anterior de parecerista de editais e atual coordenador de Política Audiovisual da Secult. A primeira estratégia curatorial: transformar o cineteatro São Luiz em um “Cinema de Repertório”.

“Sabemos que, historicamente, o mercado exibidor exige continuidade e previsibilidade, ou seja, nos habituamos a ir ao cinema em qualquer dia ou hora da semana, sabendo que há uma grade de filmes continuamente em cartaz em diferentes turnos. No cineteatro São Luiz, esse hábito cultural teve que ser rompido, já que a programação

geral do equipamento haveria de contemplar outras linguagens artísticas, de forma que elas inclusive dialogassem entre si”, ressalta o curador. Foi quando a opção por programas específicos e fixos, mas que não são diários, mostrou-se viável, inserindo o cinema na dinâmica de ocupação múltipla de um mesmo espaço físico.

Trocando em miúdos: em dias alternados, o público do cineteatro São Luiz particularmente interessado em cinema passou a se deleitar com um mix de ofertas prontas a satisfazer demandas específicas. O curador fez valer assim a “Mostra Gêneros do Cinema”, que exhibe filmes do mesmo gênero cinematográfico ao longo de um mês; “Mostra Perfil de Cinema”, que contempla a trajetória de cineastas, astros ou estrelas de relevância estética ou histórica; os “Clássicos do Cinema”, privilegiando fitas que marcaram época; o “São Luiz 3D”, janela para a terceira-dimensão; as “Férias no São Luiz”, voltadas ao público infanto-juvenil; o “Sons do Ceará”, que aposta na exibição de videoclipes; e mais as “Maratonas” de filmes e séries, com sessões seqüenciadas da mesma franquia ou temática que agitam fã-clubes diversos.

Carro-chefe na formação de plateias, o destaque, segundo o curador, vai para a faixa de programação “Escola no Cinema”, onde premiados curtas-metragens brasileiros são exibidos gratuitamente para alunos

e professores das redes públicas e privadas de ensino. E que os números falem por si só em relação à eficácia do trabalho de curadoria: nada menos do que 88 mil crianças e adolescentes de 516 diferentes instituições prestigiaram o projeto entre 2015 e 2018. Mais: desse público infanto-juvenil, 70% nunca havia ido a um cinema e 95% jamais havia entrado no cineteatro São Luiz.

Imã de poder incontestes, o audiovisual chegou em 2018 à expressiva margem de 350 mil espectadores, número que corresponde a 60% do total do público do cineteatro desde sua reabertura, em maio de 2015. E foi esse gráfico ascendente que fez com que o cineteatro São Luiz merecesse o título de sala pública de cinema com a maior média de público por sessão do Brasil, segundo critérios adotados pela Agência Nacional do Cinema (Ancine).

“E que se escreva ‘sala pública’ em caixa alta, já que, em termos de curadoria, a natureza do que é público - e não privado - faz toda a diferença. Eu não posso, como curador, privilegiar minhas preferências em detrimento à imprescindível abertura para um diálogo com o público na hora de pensar a programação”, lembra Duarte.

A aposta numa escuta permanente de plateias as mais diversas e profissionais envolvidos com as artes, ele acrescenta, também não pode prescindir a uma política de democratização e acessibilidade



“NO CINETEATRO SÃO LUIZ, ESSE HÁBITO CULTURAL TEVE QUE SER ROMPIDO, JÁ QUE A PROGRAMAÇÃO GERAL DO EQUIPAMENTO HAVERIA DE CONTEMPLAR OUTRAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS, DE FORMA QUE ELAS INCLUSIVE DIALOGASSEM ENTRE SI”

Duarte Dias, curador e programador do Cineteatro São Luiz

A proposta dos curadores do Cineteatro São Luiz é gerar pautas nas mais diversas linguagens artísticas

de um equipamento público. Assim é que 90% da programação do cineteatro São Luiz permanece gratuita, enquanto a média de valores praticada na venda de ingressos para uma restrita faixa da programação geral não ultrapassa R\$ 25,00.

“Um curador de um espaço público não só filtra a programação considerando a inteligência e a sensibilidade desse público massivo e plural, como deve respeitar e potencializar o direito que as pessoas têm de usufruir do equipamento que elas inclusive mantêm”, aferra Duarte Dias, ciente de que também é responsável pela valorização dos conteúdos audiovisuais em cartaz e da estratégia ideal para fazer com que esses filmes encontrem, enfim, o seu público.

**Vá ao teatro! Curta a dança!
Viva a música!**

Uma curadoria eclética, antenada e dialógica. Eis o conceito que surge redondo e cristalino na cabeça do coordenador geral do cineteatro São Luiz, José Alves Netto, quando provocado sobre os critérios que regem a programação das artes cênicas incorporada ao equipamento a partir de 2015, ano em que um megainvestimento em restauro e maquinário tornaram o supercinema de 1050 lugares apto a receber qualquer tipo de espetáculo.

“Como curadores, temos o desafio de vincular as linguagens artísticas entre si na grade de programação geral. Ou seja, sempre que possível, a ordem é misturar cinema, teatro, música a cada mês. E uma



das maneiras que temos encontrado de fazer isso é pensar esse repertório a partir do calendário cultural da cidade. Assim, Dia da Cultura, Dia das Mães, Festejos Juninos, Dia da Criança e Natal são datas que inspiram e geram eventos casados ou até algumas bossas, como o lencinho de papel que distribuimos na entrada do cineteatro para os espectadores que vieram conferir os filmes exibidos no Dia dos Namorados”, relembra Netto.

A faixa de programação “Sessão Sonora” é outro exemplo paradigmático do feliz casamento entre cinema e da música no São Luiz. Nela, um filme precede um show-tributo de mesma temática e foi na esteira desse pacote audiovisual que artistas como Tom Zé, Pepeu Gomes, Antônio Nóbrega, Ednardo, Chambinho do Acordeon, Fernando Mendes e Agnaldo Tomóteo já subiram ao palco do cineteatro para cantar logo após as exibições de documentários sobre suas vidas ou obras correlatas.

Em nome da diversidade, pelo menos uma vez por mês o público do cineteatro São Luiz também é convidado a conferir o Curta Mais Teatro e o Curta Mais Dança. Particularmente contempladas, cada uma dessas linguagens também pode estar no centro das atenções da faixa de programação Curta São Luiz, que acontece todas as sextas-feiras, ao meio dia, no hall de

entrada do equipamento, fazendo a ponte direta entre quem passa pela Praça do Ferreira naquele intervalo de almoço e vê os portões de ferro totalmente abertos.

“Para além das expertises específicas de cada um da equipe de curadores, levamos em conta no trabalho de curadoria compartilhada as demandas espontâneas vindas de artistas, gestores e produtores culturais e público, ao mesmo tempo em que procuramos nos alinhar com a política pública de cultura do Estado. E é muito estimulante ver chegar tantas propostas, demonstrando que a classe artística, os profissionais da cultura e as plateias cada vez mais reconhecem a potência do espaço e a qualidade dessa agenda sempre aberta e plural”, comemora Netto.

Pluralidade que requer régua e compasso, tudo em fina sintonia com a batida democrata do coração do equipamento. “Na curadoria de música, essa dosagem equilibrada a fim de atrair e aproximar públicos diversos fica bem clara. Costumamos dizer que nossa programação de shows musicais vai de Linniken a Moacir Franco, compondo um patchwork mesmo. Mas não de forma aleatória e sim complementar. Fazer essa aproximação intergeracional entre as platéias para que se conheçam e possam dialogar, ampliando e atualizando seus repertórios”, observa a diretora do cineteatro São Luiz, Rachel

Gadella. Ingressos com valores acessíveis também são requisitos colocados em negociação pela equipe de curadoria de um equipamento público. Assim, tanto os medalhões da MPB, do porte de Gilberto Gil, quanto talentos em ascensão, como Chico Brown, neto de Chico Buarque, têm que estar abertos a praticar preços abaixo do mercado. Regra que vale também para os artistas locais, segundo a curadora de música, Nefertith Andrade, já que o tratamento e a qualidade da infraestrutura e logística oferecidas em contrapartida são iguais para todos e todas que sobem ao palco do cineteatro.

“Como não podemos praticar os altos valores de mercado e temos uma limitação de 1050 lugares privilegiamos os nomes que fizeram e fazem história na música. Assim, conseguimos trazer nomes referenciais nacionais e autores consagrados locais, como Fausto Nilo e Ricardo Bezerra. Também temos muita abertura para os projetos autorais e experimentais, contemplando os talentos em formação. Para eles, em particular, criamos o projeto “Dentro do Som”, voltado a shows mais intimistas, onde artista e uma platéia restrita dividem espaço em cima do palco, o que estimula a fruição e diz sobre essa busca de qualidade – e não tanto de quantidade – tão cara ao São Luiz hoje”, finaliza a curadora. **U**

CURADORES DE CONHECIMENTO

“PARA CRUZAR INFORMAÇÕES, FILTRÁ-LAS É FORMULAR TESES, ALÉM DE PROPOR EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZADO, NÓS TEMOS QUE SER ETERNOS APRENDIZES. POR ISSO, SOMOS PAGOS TAMBÉM PARA IR AO CINEMA, COMPRAR LIVROS, VER EXPOSIÇÕES E ATÉ VIAJAR PELO BRASIL E PARA OUTROS PAÍSES”

Túlio Custódio, sociólogo

Em italiano, *Inesplorato* significa desconhecido. No Brasil, foi justamente ao pisar em um terreno ainda inexplorado pelo mercado da curadoria que seis profissionais com múltiplas formações cunharam o termo curador de conhecimento. Assim é que Débora Emm, cientista social e publicitária; Roberto Meirelles, publicitário; Carlos Alberto Martinez, economista; Michele Okuhara, publicitária; André Freire Nascimento, publicitário e Túlio Custódio, sociólogo, estão, desde 2010, descobrindo junto a pessoas e empresas quais as demandas de saberes, conscientes ou inconscientes, capazes de aperfeiçoar os trabalhos que desenvolvem ou simplesmente enriquecer seus repertórios cognitivos e simbólicos.

Ao encurtar a distância entre as pessoas e os conteúdos que podem transformá-las, o curador de conhecimento cria pontes ligando o “dentro”, que pode ser um escritório, e o “fora”, que são as experiências de aprendizado já trilhadas em determinadas áreas ou a toda literatura especializada disponível sobre elas nos mais diferentes formatos. Segundo Túlio Custódio, em um mundo com excesso de acesso a informações é necessário filtrar não só o que é mais confiável, como também consistente. “Não parece, mas muita gente ainda não sabe se relacionar com as bases de conhecimento disponíveis. Outras não encontram tempo para se atualizar e se conectar com o que é realmente importante para avançar como profissional. Além disso, o mercado está o tempo todo demandando novas e múltiplas expertises, então a gente investe em estudos e diagnósticos sobre a sociedade e vendemos isso para as empresas”, esmiúça.

Entre temas e assuntos tão vastos que podem ser demandados pelos clientes da *Inesplorato*, como cultura brasileira, gerenciamento de pessoas ou inovações, a equipe também deve estar em constante estado de formação. Assim, é imperativo estudar. “Para cruzar informações, filtrá-las e formular teses, além de propor experiências de aprendizado, nós temos que ser eternos aprendizes. Por isso, somos pagos também para ir ao cinema, comprar livros, ver exposições e até viajar pelo Brasil e para outros países. Tudo isso faz parte de nossa formação contínua, já que valorizamos mais as habilidades múltiplas e a vontade de conhecer as coisas a fundo do que a própria formação acadêmica de cada um”, pontua Túlio.

Isolada no cenário da curadoria de conhecimento, a *Inesplorato* já está partindo para a formação de quadros, atraindo free-lancers. “Não conhecemos nenhuma outra empresa no Brasil como a nossa. Então criamos uma metodologia para formar curadores de conhecimento que irão atuar em basicamente três frentes: ciência e sociedade, um escopo mais denso para formação de repertórios; estratégia e transformação de negócios e treinamentos e formação. Isso porque acreditamos que a concorrência estimula ainda mais a inovação”, adianta. Para ele, o filão não só está aberto como veio para ficar. E não só pelo excesso de informações e a necessidade de filtrá-las. “Mas porque as empresas estão cada vez mais cientes de que conhecimento é uma ferramenta fundamental para se relacionar melhor com o seu público, com a realidade e o mercado”, encerra. **U**

DIREITO E NOVAS TECNOLOGIAS

BASTA UMA RÁPIDA PESQUISA NO GOOGLE PARA ENTENDER O TAMANHO DO DESAFIO: EMPREENDEDORISMO JURÍDICO É UM TERMO LIGADO AO MUNDO DOS NEGÓCIOS QUE TEM COMO META CONSTANTE AUMENTAR A PRODUÇÃO GASTANDO MENOS. ISSO EM BUSCA DE SOLUÇÕES MAIS PRÁTICAS, RÁPIDAS E SIMPLIFICADAS, COM VISTAS A CONQUISTAR E ATENDER MELHOR O CLIENTE

TEXTO / EMANUEL FURTADO

FOTOS / ARES SOARES

Diretora do Centro de Ciências Jurídicas da Unifor, a professora Katherine Mihaliuc diz mais: “o paradigma da educação mundial se modificou com a questão da revolução tecnológica. Com isso, os contextos de aprendizagem ou de exercício profissional precisam se adaptar às novas realidades, que envolvem consolidação de dados, utilização de ferramentas virtuais, possibilidade do trabalho remoto, qualificação remota, assim como a

Mariana Luz Zonari, ex-aluna Unifor, é cofundadora da Muvon, escola na área de Direito, tecnologia e inovação





captação de cliente remota”. Para a professora, o empreendedorismo foi e vem se modificando, porque hoje a questão tecnológica favorece processos criativos dentro de cada área de saber. “Com o Direito não seria diferente. Nós temos nichos na área jurídica de desenvolvimento de vários softwares para a gestão de escritório, para a captação de cliente. Todo esse processo necessita de um profissional da área jurídica também. Esse profissional vai precisar trabalhar numa interface com outros ares”, explica Mihaliuc.

A professora lembra que o Poder Judiciário está quase todo virtualizado. “Então a ideia de processo em papel, de consolidação de documentos, hoje tudo é feito virtualmente. O advogado, de onde estiver, tem acesso ao sistema, faz o protocolo da petição, sobe os documentos para o Sistema da Justiça – Federal, Estadual ou do Trabalho, onde cada uma tem seu sistema informatizado, que permite você trabalhar remotamente de onde esteja. Isso facilitou o processo de captação de clientes, facilitou o processo de acesso, realmente, do advogado à Justiça. Antigamente, a gente tinha que se deslocar”.

Katherinne destaca que, mais do que nunca, esse profissional da área jurídica precisa ficar atento, se antenar, se envolver, entender as questões que envolvem as novas tecnologias, as novas mídias para, assim, desenvolver de maneira efetiva o seu trabalho. “O advogado, via de regra, tem na veia esse traço empreendedor, porque, como profissional liberal, ele precisa trabalhar uma série de habilidades e competências para além do



“O ADVOGADO TEM NA VEIA ESSE TRAÇO EMPREENDEDOR, PORQUE COMO PROFISSIONAL LIBERAL, ELE PRECISA TRABALHAR HABILIDADES E COMPETÊNCIAS PARA ALÉM DA ATIVIDADE JURÍDICA.”

Katherinne Mihaliuc, Diretora do Centro de Ciências Jurídicas da Unifor

exercício da atividade jurídica. Ele precisa ser um bom publicitário, entender sobre a dinâmica das pessoas. Precisa também ser um bom administrador para gerir seu escritório, além de entender de finanças. Então ele é, por natureza, empreendedor”.

Assim é que esse profissional tem buscado, cada vez mais, qualificação interligada ao processo transdisciplinar. “A qualificação é uma

palavra-chave. A competência jurídica já não basta. Eu preciso de outras habilidades que são complementares para o exercício dessa atividade. Eu preciso estar ligado com o mercado, conhecer as novas ferramentas de publicação e de divulgação do meu trabalho. Ter ferramentas que otimizem o trabalho que eu faço no escritório, para que eu possa pegar um volume considerável de clientes e organizar

e gerenciar de uma maneira que demonstre competência, transparência e qualidade de serviço. São situações que hoje vêm se colocando”, observa.

Avaliando os profissionais da área jurídica, assim como os das outras áreas, Mihaliuc é enfática: os que não aceitarem o processo de mudança de paradigmas para a sua formação ficarão “para trás”. Os que não evoluírem na formação perderão espaço no mercado. “Hoje a sociedade, a clientela em especial, procura facilidade e procura dinamicidade. Se você é um profissional que oferece possibilidades, conforto, facilidade além da competência, você será uma primeira opção”, sublinha.

Sempre atualizada com as novas tecnologias e o mercado, a Unifor se coloca como vanguarda nesse processo de formação dos alunos. “A gente já começou um projeto de modificação no nosso Escritório de Prática Jurídica. Há quase dez anos, ele é todo virtualizado. Então, nós tivemos um processo vanguardista, comparado com o da Justiça, porque o nosso aluno tem um fluxo todo virtual, que é feito dentro do nosso escritório”, esclarece.

Destaque também para a parceria entre a Unifor e a Defensoria Pública do Estado, através de convênio e voltado ao atendimento da comunidade externa. “Quando o aluno vai fazer o atendimento a algum cliente, já tem uma pasta processual dele. Esse aluno peticiona nos próprios autos, o professor corrige no próprio sistema virtual. Então é encaminhado para a Defensoria que, a partir dali, valida e manda para o Poder Judiciário”, acrescenta. **U**

PRÁTICA INTERDISCIPLINAR

Propiciar o aprendizado prático das disciplinas do programa curricular, bem como garantir a experiência em várias modalidades de efetivação da justiça, tais como advocacia consultiva, peticionamento e encaminhamentos, de forma a habilitar os acadêmicos a atuar de forma interdisciplinar. Esse é o objetivo do Escritório de Prática Jurídica (EPJ) da Unifor, que presta atendimento jurídico para a comunidade, por meio do encaminhamento de processos e orientações de natureza legal.

Com supervisão de professores, O EPJ conta em sua equipe com analistas jurídicos, psicóloga e assistente social e possui 90 cabines de atendimento simultâneo, equipadas com computadores em rede. Nos mais diversos serviços oferecidos, o Escritório de Prática Jurídica faz cerca de 12 mil atendimentos anuais. **U**

Fonte: www.unifor.br/epj

ANTENADAS COM AS NOVAS POSSIBILIDADES



Em um processo contínuo, a Unifor vem trilhando e traçando novos caminhos para contribuir com o processo de formação, estimulando a entrada das novas tecnologias e interligando-as à diretriz curricular acadêmica dos seus alunos, de olho em um mercado cada vez mais competitivo. O resultado são ex-alunos que ganham destaque fora dos muros da universidade.

É o caso da advogada Larissa de Alencar Pinheiro Macedo, que ingressou no curso de Direito da Unifor em 2003. “Entrei no mercado de trabalho com a visão de que o processo judicial eletrônico era um caminho sem volta e de que o operador de direito teria que se adaptar a estas novas tecnologias, sob pena de engessar sua carreira. Desde então, tento não limitar o exercício da minha advocacia, não enxergando barreiras para a minha atuação profissional. Pelo contrário, construo pontes

“ENTREI NO MERCADO DE TRABALHO COM A VISÃO DE QUE O PROCESSO JUDICIAL ELETRÔNICO ERA UM CAMINHO SEM VOLTA E DE QUE O OPERADOR DE DIREITO TERIA QUE SE ADAPTAR A ESTAS NOVAS TECNOLOGIAS.”

Larissa de Alencar Pinheiro Macedo,
Advogada

REMODELAR O APRENDIZADO TRADICIONAL

Larissa Macedo montou escritório de advocacia com o marido e hoje atende clientes em todo o Brasil

que me permitem atuar em praticamente todos os Estados da Federação, sendo o processo eletrônico um grande aliado para essa operacionalização”, afirma.

Ao lado do marido Marcos Macedo, optou por criar um escritório de advocacia. “Nós temos processos em trâmite nos diversos Tribunais pelo Brasil, com uma rede de apoio especializada, trazendo resultados aos nossos clientes, que não precisam mais sair de Fortaleza para contratar advogado que solucione suas demandas em outras cidades”, destaca.

Outra ex-aluna da Unifor (graduação, pós-graduação e mestrado) que ganhou destaque no mercado como empreendedora foi a advogada ligada ao Direito Empresarial, Mariana Luz Zonari. Em meio à sua participação em um evento da área em São Paulo, ela contou que hoje faz parte de um escritório de advocacia e lembrou que, ao lado de dois outros colegas, é cofundadora da Muvon, uma escola que busca “suprir um pouco o déficit do ecossistema do Ceará e até do Brasil, através de cursos e conhecimentos na área de Direito, tecnologia e inovação”.

Também professora, Mariana ministra a disciplina de Contratos Empresariais na pós-graduação da Unifor e atua em outra universidade. Quando aluna, fez pesquisa na área do Direito Internacional e a relação com as armas nucleares, além do uso da energia nuclear para fins pacíficos. Desde 2017, quando concluiu o mestrado, vem trabalhando com Direito Empresarial ligado a startups. “Foi aí que surgiu a minha paixão pelas novas tecnologias. Essas tecnologias estão aí para mudar tudo, mudar o jeito que a gente estuda, o jeito que a gente vive”, avalia. **U**

A Muvon – Escola de Direito e Inovação tem como proposta trazer cursos que possam proporcionar para os ‘movers’ (alunos) possibilidade de construir o Direito do futuro e participar do futuro do Direito. “Basicamente, o que a gente quer dizer com isso: o Direito do futuro é a nova ciência do Direito que está aparecendo, jurimetria, ciência de dados, futurologia, etc”, esclarece Mariana Zonari.

De acordo com o site www.lets.muvon.com, a escola é para “os inconformados de pensamento livre e fora da caixa. Por meio de uma metodologia única, nossa proposta é remodelar o aprendizado tradicional e desenvolver as habilidades necessárias para a sobrevivência em um mundo disruptivo, além de criar experiências educacionais originais que sejam capazes de transformar o mindset jurídico dos nossos movers”. Em síntese, a ideia é proporcionar soluções rápidas, eficientes e seguras para advogados e outros profissionais que pretendem se sobressair no mercado de trabalho. **U**

LEITORES: UNI-VOS!



TEXTO / ETHEL DE PAULA — FOTO / ARES SOARES

“(...) Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo. Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade (...) Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante”.

CLARICE LISPECTOR, A FELICIDADE CLANDESTINA.

Pessoal e intransferível, o capítulo favorito da biografia da poeta e professora universitária Hermínia Lima é aquele em que ela se vê criança, cercada pelos cinco irmãos, completamente em êxtase diante de uma mãe que lia em voz alta para a prole e também para o marido sertanejo e semi-analfabeto. A paixão pela leitura lhe chegou assim, em tenra idade e ainda enquanto aprendia a juntar as letras, mediada pela oralidade e pelo afeto, mas também envolta sob um véu de mistério. É que, a depender do grau de erudição da obra, aquela trama cheia de graça, mas eventualmente hermética, poderia vir a ser docemente adulterada.

“Lembro de minha mãe lendo romances pros filhos, antes de dormir. Algo como O Guarani, de José de Alencar. Eu era a mais velha de seis filhos, tinha uns 10 anos, e ficava atrás dela, acompanhando a leitura com os olhos colados no livro. Como ela estava lendo para crianças, meu pai ouvindo também, via que às vezes adaptava a leitura, intuitivamente pegava pedaços do texto que tinham aquela linguagem rebuscada do século XIX e simplificava ali, na hora, sem parar o fluxo, só para tornar mais fácil para a gente entender. E eu, de soslaio, já sabendo ler, pensava: - mamãe está mudando a leitura... Na época, eu não entendia a razão, só depois é que fui compreender. E sempre me emocionei muito pensando nisso. Porque tive uma infância pobre e com muitas privações materiais. Mas isso era uma riqueza”, narra a filha da professora primária que hoje é escritora e poeta, além de integrar há 18 anos o quadro docente da Unifor, assumindo disciplinas ligadas à produção textual e história da arte em cinco diferentes graduações.

“O CLUBE É ECLÉTICO E, APESAR DE TER INTEGRANTES FIXAS, É ABERTO À PARTICIPAÇÃO DE CONVIDADOS E DE QUEM SE INTERESSAR.”

Aline Feitosa, Fundadora do clube de leitura *Sociedade Literária Paixão pelos Livros*, professora e coordenadora da pós-graduação em Direito



Mestre em Literatura e doutora em Linguística, a cariense de Missão Velha jamais perdeu o bom hábito da leitura. E fez valer todo o seu poder de contágio: leu para os filhos quase que diariamente até ambos completarem 12 anos, alfabetizou incontáveis crianças como educadora infantil, enfrentou junto com jovens estudantes a interpretação de textos literários indicados para o vestibular e até hoje leva para a sala de aula a literatura como principal aliada na construção de uma ética e de uma estética da existência, onde a ordem é ler o mundo de forma crítica, plural e sensível. Foi com essa bagagem e motivada por um incômodo recente de leitora que há anos vinha privilegiando os textos teóricos e os artigos acadêmicos em detrimento à safra literária contemporânea que Hermínia pôs em prática a idéia de criar um clube de leitura entre amigas mais próximas.

Em janeiro deste ano, o convite via whatsapp se destinou àquelas que ela já sabia ter paixão pelos livros. Entre 10 convidadas, quatro aceitaram o convite e desde então um livro por mês acaba sendo lido e debatido em almoços regados a vinho e muita conversa. Há um diferencial comum ao quarteto: naquela roda, nenhuma das integrantes escolheu ou elegeu o título da vez. É que Hermínia optou por delegar à Editora TAG essa delicada e seletiva tarefa. “A TAG funciona assim: você assina um pacote para receber pelo correio, mensalmente, um livro. São diferentes tipos

de pacotes, contemplando gêneros ou temáticas diversas, mas assinei a TAG Curadoria, onde os livros de cada mês são indicações de leitores consagrados e confiáveis. Uma escolha que pode vir de um escritor, um filósofo, uma pensadora, como a Djamila Ribeiro, ou uma atriz, como a Fernanda Montenegro. E assim, a rigor, há sempre um elemento surpresa quando a caixinha chega em nossas casas e é aberta, o que me pareceu um estímulo a mais para também vivenciar a leitura como um jogo prazeroso”, detalha.

Para a professora apaixonada por livros, o Clube de Leitura não é só uma “felicidade clandestina” inerente ao ato de ler. É também uma forma de encontro necessária. “Nesse mundo onde todos se falam eletronicamente e assistimos ao drama das grandes livrarias fechando, esse tipo de iniciativa tenta manter viva a cultura leitora, o que é extremamente positivo porque lendo você amplia e enriquece sua visão de mundo. Portanto, reunir pessoas em torno da leitura é um modismo saudável. Além disso, gera aproximação real e troca de experiências. Como se voltássemos a conversar em volta da fogueira ou das cadeiras na calçada, para contar e ouvir histórias. Isso que eu cheguei a experimentar antes do advento da internet, no interior, quando era sempre escalada para ler ao sereno, nas rodas familiares, os folhetos de cordel que meu tio comprava na feira”, volta a recordar.



“NESSE MUNDO ONDE TODOS SE FALAM ELETRONICAMENTE E ASSISTIMOS AO DRAMA DAS GRANDES LIVRARIAS FECHANDO, ESSE TIPO DE INICIATIVA TENTA MANTER VIVA A CULTURA LEITORA.”

Hermínia Lima, professora universitária

Na linha de frente da coordenação colegiada do curso de Direito da Unifor, a professora e doutoranda Lara Fernandes é outra integrante do Clube de Leitura que, para ela, é um alento e um “respiro” em meio a tanta produção de cunho acadêmico. “Esses encontros em torno da literatura são válvulas de escape mesmo diante da sobrecarga de trabalho e estudo. Sem falar na qualidade das trocas simbólicas embutidas aí, dada essa curadoria de peso da TAG e essa mediação qualificada de uma escritora e especialista no assunto do quilate de Hermínia Lima. Mas o melhor é que, apesar disso, as conversas são soltas, não buscamos uma crítica literária conjunta e sim um deleite compartilhado, um bom papo, uma leveza d’alma”, pontua.

Ao fazer a interface entre o Direito e a educação, Lara também valoriza a potência da literatura como repertório sensível para entender melhor o outro e a aplicabilidade dos próprios instrumentos de regulação social caros à sua área de formação. “As obras literárias e sobretudo os clássicos me trouxeram uma maior complexidade profissional e uma empatia que hoje, mais do que nunca, nesses tempos de polarização, deveriam reger as relações sociais. Por isso, cada vez mais, pretendo levar a literatura para a sala de aula, buscando esse exercício de alteridade e a recuperação desse bom hábito junto aos alunos. É a forma mais eficiente, eu acho, de instigar sensibilidades”, observa, lembrando que os clubes de leitura estão a serviço justamente da partilha do sensível.

Guerra do Vietnam. Ditadura uruguaia. A questão do exilados. Feminismo. Racismo. Tudo isso já passou pelas mãos do quarteto em forma de narrativas biográficas ou ficcionais desde que o Clube de Leitura se tornou hábito. “Não tenho dúvida em dizer que foi saudável deixar um pouco de lado as redes sociais e me deparar com a surpresa de leituras tão

poderosas para pensar o nosso tempo”, conclui Lara. Hermínia assina embaixo. Como professora do Ateliê de Leitura e Produção textual do curso de graduação em Jornalismo, dentre outros, a literatura, segundo ela, vem sendo usada inclusive como resposta à onda de fakenews e informações mal contextualizadas.

“A leitura de livros escritos por jornalistas, inclusive, forma e informa, além de trazer competência comunicativa. Portanto, a literatura é também uma arma de combate enquanto tomada de consciência. Eu era uma pessoa alienada antes de ter acesso à leitura. Posso dizer que a leitura me salvou porque me trouxe amadurecimento político e me deu autonomia para pensar por mim mesma, de forma crítica, além, é claro, de contribuir com o desenvolvimento das expertises que enriquecem minha trajetória profissional. Não à toa, portanto, fui votar nas últimas eleições com um livro embaixo do braço”, finaliza, contundente, a professora que gosta de “conversar” com seus livros, fazendo anotações nos cantos de página, e sistematicamente dorme abraçada a eles, na cadência de uma rede.

PARABÉNS AOS LIVROS

É noite de sexta-feira, o sushi-bar está apinhado de fãs da iguaria, mas o alarido não chega a invadir o ambiente reservado onde em um só mesa sentam 12 amigas para comemorar um aniversário. A efeméride, no entanto, não recai sobre nenhuma delas em particular. O que se comemora ali, entre livros abertos, leituras em voz alta e digressões diversas, são os dois anos de existência da Sociedade Literária Paixão pelos Livros, clube de leitura criado pela defensora pública Aline Feitosa e aderido de imediato por algumas de suas colegas de profissão, como a também defensora pública e mestranda em Direito

Constitucional, Mylena Maria Gomes, e a professora e coordenadora da pós-graduação em Direito, Vlândia Feitosa, ambas egressas da Unifor.

A proposta original: ler um livro por mês de até 400 páginas e se envolver com o sorteio também mensal que elege a “madrinha” de cada encontro. É ela quem indica a obra a ser lida na sequência e cuida da apresentação in loco da mesma, trazendo reflexões sobre o autor, o tema ou o gênero literário em questão. São inquietações e perguntas disparadoras que abrem a sessão onde todas as leitoras têm voz e vez. Mas, mesmo antes do momento presencial, a troca de idéias pode ir se dando via redes sociais, no grupo privado que reúne essas mulheres de procedências, gostos, histórias de vida e profissões diversas.

“Temos uma maioria ligada ao Direito, por ser minha área de atuação, mas há entre nós pedagogas, economistas, bibliotecárias, bancárias, fisioterapeutas, enfim, o clube é eclético e, apesar de ter integrantes fixas, é aberto à participação de convidados e de quem se interessar em vir conversar com a gente, em uma ou outra sessão. Porque, afinal, o que mais importa, desde o início, é colocar em movimento essa energia da paixão pelos livros e fazer a leitura compartilhada, que é muito mais rica do que a individual”, assegura a provocadora de tudo, Aline Feitosa. Para ela, o lugar de fala de cada uma acrescenta informações e reflexões ao que foi lido, assim como as próprias vivências e o contexto atual levam a fazer conexões. “Quando falamos sobre personagens da ficção ou acontecimentos históricos também nos deixamos atravessar por eles. Ninguém sai impune de um livro e isso não é mero beletrismo. Ao trazer nosso cotidiano para a roda, entrelaçado às tramas, experimentamos também uma espécie de terapia coletiva”, acredita. Passados dois anos, o clima intimista, de fato, impera.

“A BIBLIOGRAFIA JURÍDICA ME TRAZ RESPOSTAS TECNICISTAS. MAS A LITERATURA ME TRAZ PERGUNTAS, O QUE ABRE O ROL DE POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO DAS LEIS, A PARTIR DE VIESES, COMO O SOCIOLÓGICO E O FILOSÓFICO.”

Mylena Maria Gomes, defensora pública e mestranda em Direito Constitucional



“A LEITURA DE LIVROS ESCRITOS POR JORNALISTAS, INCLUSIVE, FORMA E INFORMA, ALÉM DE TRAZER COMPETÊNCIA COMUNICATIVA. PORTANTO, A LITERATURA É TAMBÉM UMA ARMA DE COMBATE ENQUANTO TOMADA DE CONSCIÊNCIA.”

Hermínia Lima, professora universitária

E assim não há como a professora Ana Vlândia, a madrinha do mês, apresentar o livro *Paula*, de Isabel Allende, uma biografia romanceada sobre a mãe que assiste ao adoecimento e morte da filha, sem que relatos emocionados sobre a maternidade e a finitude da vida não venham à toa. “Minha mãe, avó e tias, pessoas que me influenciaram desde criança a gostar de ler, são admiradoras confessas da autora e sempre me falaram apaixonadamente sobre *A Casa dos Espíritos*, outro livro que inclusive lemos no Clube, anteriormente. Além disso, eu estava às vésperas de viajar para o Chile e aquele contexto político ditatorial relatado por Isabel Allende me fez pensar muito sobre o nosso próprio momento político aqui no Brasil. E é claro que, como mãe e cidadã, tanto a fragilidade individual como a coletiva tratadas no livro mexeram muito comigo e me instigaram a pensar com o grupo”, pontuou Vlândia.

Kafka, Shakespeare, Gabriel Garcia Marquez, Cora Coralina, Clarice Lispector, Albert Camus, Mia Couto. Enfrentar esse time de peso, que só aumenta a cada mês, é sempre um desafio para a defensora pública Mylena Maria. “Um livro puxa o outro e, na verdade, algumas de nós sempre estamos lendo outros títulos em paralelo que dialogam com a obra indicada pelo Clube de Leitura. Há dois meses, *O Estrangeiro*, de Camus, me remeteu à obra de Sartre e aí, quando compartilhei esse link com o grupo, acabamos conversando sobre os

dois autores. Antes, alguém já havia postado um vídeo do youtube sobre o livro ou destacado uma citação. Então tudo isso deixa a leitura mais dinâmica e impactante mesmo”, opinou a mestranda que sempre se valeu da literatura para também tentar amaciar a leitura técnica própria de sua área e já viu, mais recentemente, obras como *Hamlet* e *Dom Quixote* serem temas de tese.

“A bibliografia jurídica me traz respostas tecnicistas. Mas a literatura me traz perguntas, o que abre o rol de possibilidades de interpretação das leis, a partir de diferentes vieses, como o sociológico, o psicológico e o filosófico”, reflete Mylena, enquanto propõe uma pausa para brindar com as amigas a difícil mas emocionante leitura do livro *Paula*. Mas atenção aos detalhes, porque nada ali é livre das simbologias e da ludicidade que emanam da leitura. A bebida que circula pela mesa, segundo Aline, se chama pisco-souer e é típica do Chile. Foi também escolhida a dedo pela madrinha Vlândia, justamente para dialogar e “harmonizar” com a obra de Isabel Allende em pauta.

E são muitas as bossas e astúcias inventadas pelo grupo para tornar aquele momento indispensável e sempre atraente para as participantes: o convite à participação esporádica de escritores e experts em literatura é um deles. Dia desses, a escritora e atual presidente da Academia Cearense de Letras, Angela Gutierrez, deu o ar da graça no Café Viriato, lugar de predileção do Clube,

para conversar sobre *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. E revelou que só depois de 50 anos de publicação é que a suposta e célebre traição de Capitu, até então tida como líquida e certa, foi questionada e colocada à prova por críticos literários da nova geração. “Com a reflexão trazida por ela propusemos até a releitura da obra, porque a partir daí nosso mundo de certezas caiu”, riu-se Aline, lembrando que o mesmo aconteceu com *O Processo*, obra de Kafka.

Mylena se recorda: “Houve quem fizesse, claro, um link direto e atual com a atuação do poder judiciário, quase sempre lenta, arrastada e marcada por nuances que a maioria não entende, não acessa e simplesmente tem que acatar. Essa é a leitura de alguém da minha área. Mas alguém acabou revelando que naquele momento Kafka havia acabado um noivado pela segunda vez, o que o fez sofrer muito. Então, aquele processo angustiante e demorado na verdade era interior, subjetivo, simbólico. Ou seja, é outro livro que iremos reler”. Para Aline, reler é sempre um outro exercício proposto no grupo. Justamente porque “nunca somos os mesmos em sucessivos momentos da vida. Ou seja, ao longo do tempo, podemos ler com outros olhos”. Ler e reler. Assim é que meia dúzia de mulheres também seguem juntas, vislumbrando o mundo como um livro aberto e atemporal, prenhe de possíveis. **U**

FORMAÇÃO EXITOSA

22 ANOS

SARAH LINHARES FERREIRA GOMES /
RECÊM GRADUADA EM DIREITO

FOI QUANDO SOUBE QUE UM TRABALHO QUE EU TINHA FEITO SOB A ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA ANA VIRGINIA FOI APROVADO PARA APRESENTAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SORBONNE, EM PARIS, FRANÇA. FOI UM MOMENTO DE GRANDE REALIZAÇÃO, POIS O ESFORÇO DE ANOS NA PESQUISA GEROU MUITOS FRUTOS E ME PROPORCIONOU VIVENCIAR NOVAS EXPERIÊNCIAS.

O meu momento inesquecível foi quando soube que um trabalho que eu tinha feito sob a orientação da professora Ana Virginia foi aprovado para apresentação da Universidade de Sorbonne, em Paris, França. Foi um momento de grande realização, pois o esforço de anos na pesquisa gerou muitos frutos e me proporcionou vivenciar novas experiências.

Eu entrei na Unifor em 2014.2. Na verdade eu entrei no Direito muito nova, aos 17 anos. Foi uma escolha que eu fiz logo na conclusão do ensino médio e, para mim, foi quando eu descobri a minha vocação profissional. Descobri que tinha muitas disciplinas e muitas matérias que eu me identificava e que eu gostava e realmente superou as minhas expectativas. Sinceramente, não

achei que eu fosse gostar tanto.

Eu costumo falar para os meus familiares e os meus amigos que durante a graduação do curso de Direito eu aproveitei todas as oportunidades que a Unifor me proporcionou. Particpei de dois programas de monitoria, fui monitora de Direito das Sucessões e fui monitora de Processo Civil e Recursos. Ser monitora foi uma das experiências mais engrandecedoras que tive ao longo do curso de Direito, e que me fez desenvolver várias habilidades que são necessárias para o profissional do Direito, como a capacidade de falar em público e me aprofundar os conhecimentos numa matéria específica. Para mim a atividade da monitoria foi extremamente importante e imprescindível na minha formação. Além disso, fui pesquisadora desde o segundo semestre,

nos grupos de pesquisa Laboratório de Jurisprudência (Lajur) e Núcleo de Estudos sobre Direito do Trabalho e Seguridade Social (NEDTS). A pesquisa também exerceu papel fundamental, pois me proporcionou a criação do pensamento crítico e a construção de um currículo acadêmico, mesmo no âmbito da graduação.

Sem dúvidas, a Unifor concede aos seus alunos todas as ferramentas necessárias para a formação de um profissional com qualidade. Eu saio da graduação em Direito com a total segurança e certeza de que a universidade me proporcionou uma formação exitosa. **U**

Sarah Linhares Ferreira Gomes /
recém graduada em Direito

ALUNOS QUE FIZERAM HISTÓRIA NA UNIFOR

Fotos: Aline Soares

ARQUITETURA E URBANISMO

FOI UM LONGO PERCURSO TRILHADO ATÉ AQUI. MAS AGORA É HORA DE COMEMORAR! OS GRADUANDOS UNIFOR 2019.1, AGORA NOVOS PROFISSIONAIS, SAEM CHEIOS DE SONHOS E COM UM FUTURO BRILHANTE PELA FRENTE. SEJAM FELIZES E NÃO ESQUEÇAM: A UNIFOR É DE VOCÊS. PARA SEMPRE.



CIÊNCIAS CONTÁBEIS



ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS



PUBLICIDADE E PROPAGANDA



CINEMA E AUDIOVISUAL

DIREITO



CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS





EDUCAÇÃO FÍSICA



ENFERMAGEM



ENGENHARIA MECÂNICA



ENGENHARIA AMBIENTAL



ENGENHARIA DE TELECOMUNICAÇÕES



ENGENHARIA CIVIL



ENERGIAS RENOVÁVEIS

FARMÁCIA



EVENTOS

A UNIFOR TÁ NO SPOTIFY OUÇA!



SAIBA COMO OUVIR O CÓDIGO:

Abra seu
Spotify



Vá em
Pesquisar



No canto superior direito,
clique no ícone da câmera



PRONTO! LEIA O BAR CODE ACIMA
ASSINE O CANAL / ASSINE A PLAYLIST



UNIFOR
ENSINANDO E APRENDENDO



INVISTA NA SUA CARREIRA

Cursos com matrículas abertas

Escola de Tecnologia

Especialização em Computação Forense
Especialização em Eficiência Energética
Especialização em Produção e Manutenção Industrial
Especialização em Patrimônio e Restauro
MBA em Ciência de Dados
MBA em Excelência Operacional
MBA em Gerenciamento de Projetos
MBA em Planejamento e Sustentabilidade Industrial
Especialização em Gestão de Escritório de Arquitetura

Escola de Saúde

Especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental e Abordagens de Terceira Geração
Especialização em Fisioterapia Respiratória e Cardiovascular Ambulatorial e UTI
Especialização em Medicina do Trabalho
Especialização em Psicologia Jurídica
Especialização em Psicologia Organizacional e do Trabalho
Especialização em Nutrição Funcional e Fitoterapia

Escola de Comunicação e Gestão

Especialização em Produção de Moda, Styling e VM
MBA em Controladoria e Gerência Contábil
MBA em Inteligência de Mercado
MBA em Gestão Empresarial
MBA em Neuromarketing e Tendências de Consumo
MBA em Gestão de Pessoas
MBA em Negócios de Moda
MBA em Marketing Digital e Mídias Sociais

Escola de Direito

Especialização em Direito, Processo e Planejamento Tributários
Especialização em Direito e Processo Penal
Especialização em Direito Processual Civil
Especialização em Direito dos Contratos
Especialização em Direito e Processo de Família e Sucessões
Especialização em Direito e Gestão de Negócios Imobiliários
LL.M em Compliance e Integridade Corporativa

***Ex-Alunos Unifor têm 20% de desconto nos cursos de Especialização e MBA**